



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II—N.º 61—LISBOA, 16 DE JULHO DE 1942
PREÇO: 1 ESCUDO

ADELINA E AURA ABRANCHES — duas grandes figuras do Teatro Português, mãe e filha devotadas com o mesmo carinho à Arte — numa cena da peça «Duas vidas», de Charles Oulmont, recentemente representada

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

ALBERTO de Oliveira — diplomata e escritor illustre que a morte há pouco levou — afirmava que havia na idade do homem duas fases poéticas: a fase da manhã e a fase do poente. Na verdade, aos vinte anos ou, melhor, até aos vinte anos, a nossa Musa chama-se *Ilusão*; aos cinquenta, ou depois disso, chama-se *Saúde*. Uma e outra — dizia Alberto de Oliveira — inspiram aos poetas os seus mais duradouros versos. Sonhar ou recordar são as atitudes naturais da Poesia. Entretanto, a tarefa e a idade de preencher o espaço de tempo que vai da manhã viçosa à nostalgia do poente, essas pertencem, não apenas em relação aos poetas, mas a todos nós, aos dominios, nem sempre agradáveis, da prosa. Não falta quem atrase ou adiante o seu relógio na ilusão de que o dia aumenta ou diminua. Engano. O dia de cada um de nós está talhado. Tem as suas horas certas. Haverá sempre madrugada, meio dia e poente. Ninguém ainda pôde modificar este horário e, assim, moldemos as nossas esperanças a este programa inalterável. Não será a bemaventurança — mas é a filosofia.

O CANDEIEIRO DE AZEITE

GUERRA Junqueiro ofereceu certo dia um candeieiro de azeite de três bicos ao dr. João Barreira. Barreira mandou-o limpar, pôs-lhe uma torcida, deitou-lhe azeite e acendeu-o. Dava uma luz mortífera. No dia seguinte teve a franqueza de dizer ao poeta que afinal o candeieiro não chegava luminosamente aos calcanhares duma simples vela de estearina. Logo Junqueiro: — Que quer você? Ele não nasceu no século das luzes...

BATALHA NAVAL

DIZIA-ME ontem Jaime Saraiva Lima, conhecido advogado: — Há duas senhoras em Lisboa que todos os dias jogam a «batalha naval» pelo telefone das 9 da noite à uma da manhã...

TEATRO DO POVO

UM belo dia quando Ribeirinho dirigia o Teatro do Povo, feliz organização do S. P. N., dirigiu-se-lhe um rapaz, que ele nunca tinha visto, pedindo-lhe, suplicando-lhe que o metesse no elenco do teatro. Tanto pediu, tanto suplicou que Ribeirinho acabou por perguntar-lhe: — Mas afinal que sabes tu fazer? Logo o rapaz: — Sei dar cambalhotas...

CAMÕES E OS EDITORES

A República deu-nos, há pouco, um inquérito: se Camões aparecesse hoje, com o manuscrito dos *Lusiadas*, teria quem lho editasse? As respostas não foram totalmente auspiciosas para o poeta. Raúl Nunes, que dirige a *Bertrand*, falando-nos sobre este inquérito, disse-nos:

SALGADO... E APIMENTADO



Quando fiz o meu exame de 2.º grau tive por ponto em desenho nada mais nada menos do que isto: copiar um chapéu de côco. Procurei resolver a questão o melhor possível. No dia seguinte, ao fazer a parte oral — nunca mais me esqueço este episódio — o presidente do júri pegou na folha de papel onde estava o desenho que eu tinha feito na véspera, olhou esse desenho, sorriu e voltando-se para mim exclamou, abanando a cabeça:

— Isto é o que se chama um autêntico chapéu de côco amolgado! De facto eu nunca tive, com bastante pena minha, qualquer jeito para o desenho — quem diz desenho, diz belas-artes — e esta circunstância levou-me, desde cedo, a uma admiração muito especial por aqueles que desenham, pintam ou fazem escultura. Sempre que posso, não falta a uma exposição. Pintores, escultores, caricaturistas, despertam em mim um culto afectuoso. E se esses artistas foram tocados pela divina mão de Apolo, então esse culto transforma-se em fervorosa devoção. É o caso de Veloso Salgado. De facto, este homem gordo, vivo, risonho, com uma barba em bico que lembra os faunos e uma frescura de espírito que cheira a rosas, pode enfileirar entre os grandes mestres da pintura portuguesa contemporânea. Senhor da cor e da luz, os seus retratos, as suas paisagens têm a esplendorosa riqueza das coisas belas. É um consagrado. E, mais do que isso, uma individualidade. Há quem diga que possui má-língua. Não sei — porque nunca lhe vi. Não falta também quem afirme que o preço dos seus quadros é pouco menos do que inacessível. Não sei — porque nunca lhe comprei nenhum. É possível, entretanto, que estas duas acusações sejam exactas. Mas como exigir dum Salgado que seja globalmente Dóce? Não se pode exigir o impossível, pois não acham?

— Sim... Eu editaria Camões... É o que fosse soaria... Não sabemos, porém, rigorosamente se o verbo foi soar — se suar...

OS PAPAGAIOS

O maestro Raúl Ferrão tem uma famosa colecção de pássaros. Agora conseguiu: êle dois papagaios estupendos: um canta a «Balalaika»; o outro assobia-a... Raúl Ferrão ainda não conseguiu

saber qual dos dois papagaios é mais artista.

DITOS

UMA tarde, à porta da Livraria Franco, na Travessa de São Domingos, Eduardo Garrido e Francisco Franco discutiam animadamente quando viram aproximar-se o autor dramático e capitão de artilharia Maximiliano de Azevedo. — Ai vem o Maximiliano com um rôlo de baixo do braço — exclamou Garrido.

— Deve ser alguma peça — interveio Franco.
— Deve ser — rematou Garrido.
— Deve ser uma peça de artilharia!

AUGUSTO DE CASTRO

O illustre autor do *Fumo do meu cigarro* é bem o homem das grandes ocasiões. Um dia — conta-se — num casamento, como o noivo tardasse, Augusto de Castro não hesitou: — Se não aparecer o noivo cá estou eu... Venho pronto para tudo. Este episódio permitimo-lo contar num livro recente — *Dize tu, direi eu*. Augusto de Castro, numa carta, aliás amicíssima e cativante, que nos escreveu a propósito do volume, diz-nos que esta *blague* do noivo o fez corar...

Que Sua Inocência nos perdoe!

CHAPÉU NOVO

MARIA Archer surgiu-nos ontem, no Chiado, com um chapéu novo. Decididamente entra-nos na estação de verão!

CARDOSO MARTA

ENCONTRA-SE a dieta o nosso querido amigo Cardoso Marta. Votos sinceros pelo seu reabastecimento.

A MARCHA DO MUNDO

DIZEM que a próxima fantasia do *Coliseu* se chama *A marcha do mundo*. Oxalá o mundo não faça marcha atrás...

«BOX»

HÁ dias — contaram-nos — apareceu no Campo Pequeno um homem que desejava entrar no campeonato de box que ali se está realizando. — Mas o senhor já lutou alguma vez? — pergunta-lhe o empresário. — Já, sim senhor. — Com quem? — Com a Fome...

MUDANÇA DE FIRMA

A parceria António Maria Pereira, da rua Augusta, atendendo a que os livros por ela editados atingem rapidamente quinze a vinte edições por minutos vai passar a denominar-se: — Parceria António Maria e... Peras!

DUELO?

EM virtude da crítica ao seu livro *Versos do meu Ocaso*, vai realizar-se um duelo... poético entre o sr. João Maria Ferreira e a jornalista sr.ª D. Manuela Azevedo.

Luís S'oliveira Martins

Figuras da Vida **MUNDIAL**



O MARECHAL ROMMEL
condutor da ofensiva das forças do
«eixo» na África do Norte, visto
pelo caricaturista SANT'ANA.



Aqui deve mostrar-se alegre...

Duas grandes artistas portuguesas vistas por um escritor francês

Uma crónica de Charles Oulmont

SÓBRE um palco, no Pôrto. Durante uma palestra que tiveram a amabilidade de me solicitar, acerca de João de Deus. O teatro está cheio. Para detrás de um bastidor, sou atraído por um olhar — o mais vivo, o mais compreensivo que sublinha as minhas recordações: seja de um sorriso, seja de um movimento de emoção — segundo o a-propósito. Um olhar de mulher, naturalmente...

E, junto desse olhar, um outro, mais jovem, embora não mais animado, também vivo, também excepcional... Adelina e Aura Abranches escutam-me...

E eis que, de repente, ali mesmo, em cena, me surge uma ideia: fazer uma peça. Não uma peça

em que elas representem com outros artistas: não, uma peça para elas — para elas ambas. Conseguir-lo-ei?...

Alguns dias depois. Leitura da peça «Duas vidas». Entusiasmo que sinto sincero — e que alivia a minha angústia de autor: não, como em Pirandello, «Seis personagens em busca de um autor», nem um autor em busca de personagens — mas autor e personagens em busca de teatro...

E depois, em princípio, que dirá do seu papel a grande Adelina?

No dia seguinte, já o ensaieira «possuída por ele» — como ela própria dizia a sua filha...

E e os ensaios começam. Ensaiar, porém, é tão banal, não é? Sempre a repetir, a recomençar, a soletrar o papel, sem movimentos, sem ambiência... Conheci isto nove vezes em Paris, com grandes artistas — de Charlotte Leysés, a primeira mulher de Sacha Guitry,



...e conservar a sua alegria até ao fim da cena.



Sim, Adelina, tem já o direito de fumar em cena, na sua idade.

a Alexandre e Robinne, da Comédie Française...

Sim, mas com Adelina e Aura as coisas não eram nada disto. Não havia ensaios: de cada vez, era uma verdadeira representação. Viver o seu papel — fazê-lo viver por aquêles que o escuta...

«Dar indicações de autor? Para quê? Não há ali nada que não esteja certo!... E a melhor das encenadoras: Aura Abranches. Uma cadeira tombada, uma outra deitada de costas, uma outra em posição normal, uma mesa, uma linha para marcar as portas — e tudo se contém nestes nada... Que colaboradora!

— «Ça va?» — pergunta ela. Ah! sim, «ça va!» Eu ouço por prazer. Eis duas comediantes de grande classe que, só por si, honram o teatro português; o teatro... «tout court».

Adelina diz-me:

—O que sempre me pareceu mais difícil é entrar em cena, sair de cena, e escutar, como se eu não soubesse o que vão dizer-me, como se eu esperasse a réplica pela primeira vez...

Penso na frase, profunda como esta, do meu caro Ferandy, que fez entrar uma das minhas peças na Comédie Française:

—Quando se representa, nunca se deve deixar o espectador na crença de que sabe o que vai seguir-se.

E foi assim que, um dia, estando Adelina, a ensaiar o final da peça, nós — eu e sua filha — reparámos, súbitamente, que chorávamos, de emoção doce... da mesma emoção de que chorava Adelina.

Entretanto, ela ri tão naturalmente como chora: um riso novo, como se risse pela primeira vez. De resto, tudo nela é tão espontâneo, tão natural que, tomada de fraqueza momentânea, na noite da representação de «Duas vidas», o tombando sobre a cena, muitos dos espectadores julgaram que «era da peça» e um deles murmurou:

por Adelina em «Duas vidas»: «O medo aumenta com o talento... e quando se tem talento verdadeiro — quanto medo, então!

Três pancadas: filha e mãe abraçam-se. Boa sorte. Vai levantar o pano — levantar ferro, como dizia o nosso Antoine, na noite de uma das minhas «premières».

— Atenção! Tudo a postos?
— Tudo!
— Pano!

* * *

Sei agora o que é viver, não como autor inquieto — mas como espectador satisfeito. «Abranches» — Adelina... Aura... um nome que, de futuro, me pertence um pouco. E tu, caro público português: obrigado!



— Eduardo! — A última palavra da peça.



«Adeus, Mãe!»

—É preciso ser Adelina Abranches, para saber cair com tanta verdade!...

Desta vez... o público enganava-se.

— Está aí? — perguntava eu a Aura.

Ela estava sempre. Mas tão receosa do seu próprio talento, tão desconfiada de si própria, tão simples, tão conscienciosa! Soube traduzir a sua personagem, como soube traduzir o texto. Que arte de dizer, que arte na escolha das palavras! Que musicalidade de recitadora de versos... mesmo em prosa: a sua voz é um canto sem acompanhamento.

— Atenção, ponto, dê-nos o texto tal e qual...

Pedido escusado, o de Adelina: mãe e filha não têm necessidade de qualquer tónico para a memória...

— Oulmont, sinto aquêlo medo de que o senhor fala na sua peça...

É Aura quem me diz isto.

— E, então, eu... — acrescenta sua mãe.

Tenho o desejo de lhes repetir a frase de Sarah Bernhardt, dita



(Fotos Armando Seródio)



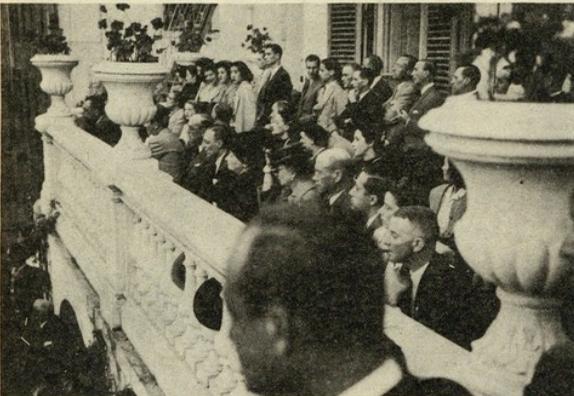
O SR. MINISTRO DA FRANÇA presidiu recentemente à festa de encerramento do ano lectivo da «École Française». Na foto, vê-se aquêl diplomata entregando à aluna mais classificada o prémio que tem o seu nome.



UM ASPECTO DA SELECTA ASSISTENCIA à festa da «École Française»



O SR. DR. DURVAL PIRES DE LIMA efectuou no Palácio Galveias, por iniciativa da Câmara Municipal, uma conferência subordinada ao tema «Os primeiros livros e livreiros de Lisboa» — integrada na Festa Popular do Livro e da Leitura.



UM ASPECTO DA ASSISTENCIA ao Serão Cultural e Recreativo organizado pela Emissora Nacional com a colaboração da Fundação Nacional da Alegria no Trabalho na sede da Vacuum Oil Company.

USE O MATERIAL FOTOGRÁFICO

ILFORD



CHAPAS // PAPEIS
PELÍCULAS

A' venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED
ILFORD - LONDRES

A VOZ DE LONDRES

BBC

Fala e o mundo acredita

EMISSIONS EM LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações #	Ondas curtas
12,45	Noticiário	{ GR U 31,75 m. (9,45 mc/s) GR V 24,92 m. (12,04 mc/s)	
14,15	Noticiário	{ GR Z 13,86 m. (21,64 mc/s) GR U 31,75 m. (9,45 mc/s)	
14,30	Actualidades	{ GR V 24,92 m. (12,04 mc/s)	
23,00 (*)	Noticiário	{ GS B 31,55 m. (9,51 mc/s) GR X 30,96 m. (9,69 mc/s) GR T 41,96 m. (7,15 mc/s)	
23,15 (*)	Actualidades	{ GS B 31,55 m. (9,51 mc/s) GR T 41,96 m. (7,15 mc/s)	

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas curtas de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s)

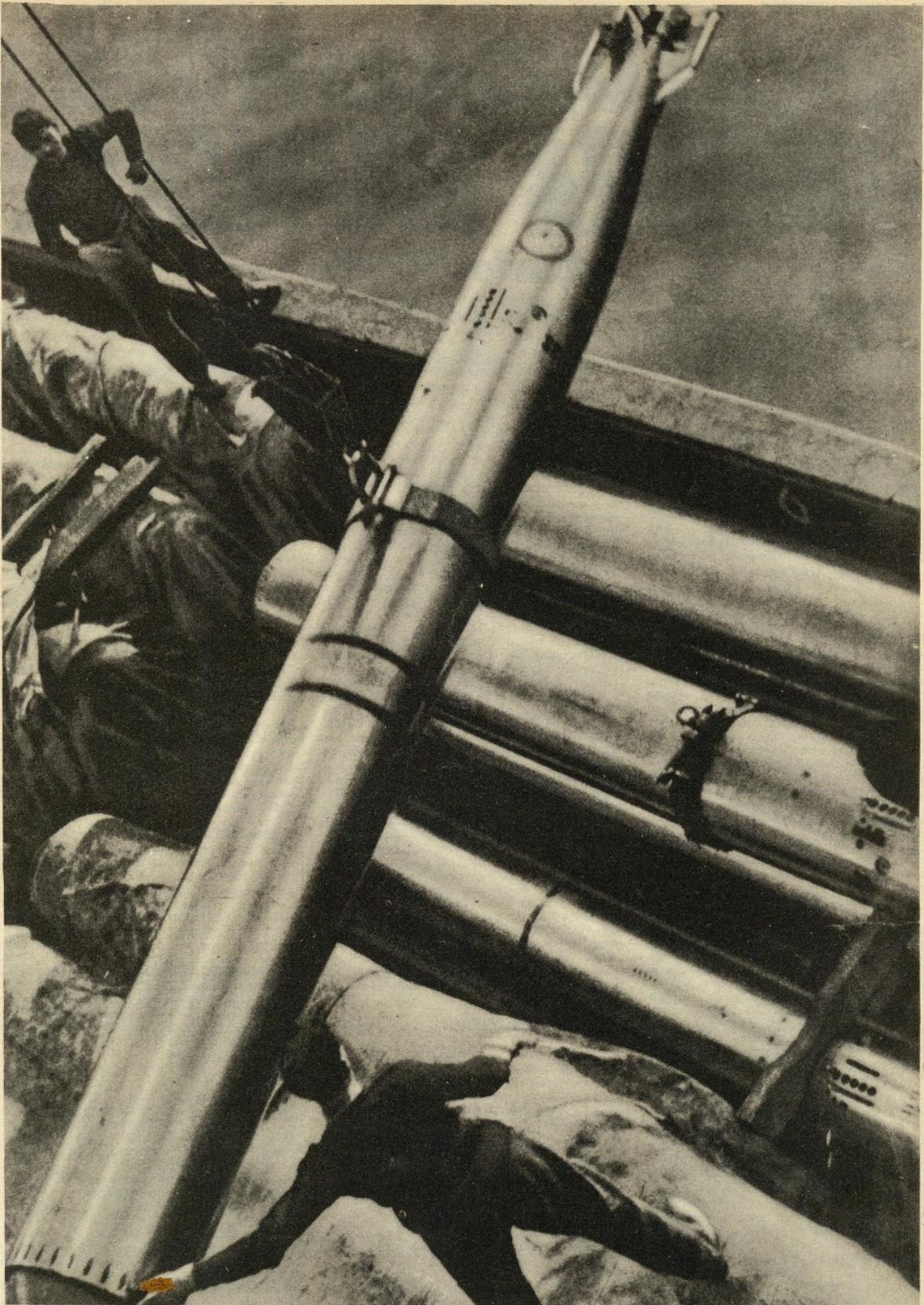


CONTRA TODAS
AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL

À venda na Farmácia
Estácio—Rossio e em
todas as boas farmá-
cias e drograrias

APYROL



DURANTE A BATALHA DO EGIPTO, mais notável se tornou ainda a actividade naval no Mediterrâneo, onde as esquadras, com os seus navios de superfície, submarinos e aviões, tentam alcançar a supremacia do mar. A foto mostra-nos um episódio vulgar que é o prelúdio dos cruzeiros de guerra: o carregamento de torpedos para bordo dum vaso de guerra italiano.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo VII - Os Balcãs em fogo

1

A INVASÃO DA GRÉCIA

O general Metaxas é a figura central em torno da qual vai girar o primeiro acto do drama balcânico. Antes de falecer deu êle ao jornal grego «Katherimini» uma versão pessoal do que se passou naquela madrugada histórica de 28 de Outubro de 1940:

«Pouco antes das três horas da madrugada, estava eu a dormir na minha residência particular quando fui despertado por uma comunicação telefónica. Acorri imediatamente. O ministro da França pedia-me para ser recebido, pedido que logo atendi, convencido de que êle tinha alguma comunicação urgente a fazer-me. Pouco depois batiam-me à porta que eu próprio fui abrir. Com grande espanto meu, encontrei-me em presença do representante da Itália. O diplomata italiano entregou-me um documento escrito. Era o ultimato do governo do seu país.»

Nesse documento, entregue pelo sr. Grazzi, o governo italiano, depois de afirmar que o governo grego permitia que a esquadra britânica utilizasse as águas territoriais do seu país para actuar contra a segurança das vias de comunicação e do território italiano, acrescentava que na Grécia fôra organizado um serviço de informações militares que, em última análise, representava um perigo para a Itália. O governo de Atenas era ainda acusado de ter consentido que a Grã-Bretanha utilizasse as suas bases aéreas situadas na Tessália e na Macedónia para fins de guerra. Depois de lembrar que êle não deixaria de fomentar uma agitação perigosa na fronteira da Albânia, o governo italiano formulava uma série de pedidos que visavam acautelar futuras complicações e divergências entre os dois países enquanto durassem as hostilidades com a Grã-Bretanha.

A Itália pedia a occupação, por tropas suas, de alguns pontos estratégicos em território grego enquanto durassem as referidas hostilidades. Os pontos a occupar não eram pormenorizadamente indicados no ultimato. Acrescentava-se nesse documento que a occupação, que teria um carácter temporário e defensivo, não affectaria a integridade nem os direitos de soberania da nação grega. Por último a Itália pedia o direito de passagem para as suas tropas como consequência da occupação dos pontos estratégicos referidos. Se, para realizar êsses objectivos, as tropas italianas encontrassem resistência esta seria reduzida pelas armas.

A RESPOSTA DE METAXAS

Depois de proceder a uma leitura atenta do documento que acabava de lhe ser entregue, Metaxas declarou ao seu interlocutor que os pedidos nêle formulados eram inaceitáveis e que considerava a sua entrega como uma declaração de guerra. O representante de Itália

declarou, encerrando o diálogo, que nada mais tinha a acrescentar e que as tropas italianas atravessariam a fronteira entre os dois países às seis horas da manhã.

O general João Metaxas era uma figura política de grande prestígio no seu país e de fama europeia. Tinha nessa altura cerca de setenta anos, pois nascera em 1871. Fizera, muito novo, os seus estudos militares em Berlim, onde criara numerosas relações de amizade e de camaradagem. Grande admirador do exército alemão, que se habituara a conhecer durante o seu longo estágio nas escolas da especialidade do Reich, contrariara a entrada do seu país na conflagração de 1914-18. Fôra o mais ardente e o mais activo adversário de Venizelos, partidário convicto da causa dos aliados na Grande Guerra. Essa attitudão valeu-lhe numerosas antipatias que soube enfrentar com decisão.

Monárquico convicto e partidário da restauração da monarquia, que fôra abolida no seu país em seguida à deposição do Rei Constantino, cujos sentimentos germanófilos eram também conhecidos, contribuiu poderosamente para que o filho do rei exilado voltasse à pátria. Depois do regresso de Jorge II (1936), foi nomeado chefe do governo sendo, sem dúvida, depois da morte de Venizelos, a primeira personalidade da política grega. Os seus sentimentos de admiração e de simpatia pela Alemanha eram conhecidos não só apenas nos países do «eixo» mas nas capitais das nações occidentais onde a imprensa, em mais duma circunstância, lhe fizera referências pouco agradáveis pondo em relevo essa circunstância e recomendando aos respectivos governos toda a cautela com as attitudes e especialmente com as intenções do ditador grego. Como era, nessas condições, possível que um governo aliado da Alemanha tivesse de entregar-lhe um ultimato, redigido em termos que só muito difficilmente poderiam ser aceites? Ou ignorava o Reich a natureza desse documento de iniciativa italiana e de exclusiva responsabilidade do governo de Roma?

ACTIVIDADE DIPLOMÁTICA

É ainda agora, passados quasi dois anos sobre o drama italo-grego, impossível responder com fundamento a estas perguntas. De uma forma geral estabeleceu-se, porém, a convicção de que o governo fascista, procurando liquidar por iniciativa própria as difficuldades que se acumulavam nos Balcãs e na zona do Mediterrâneo, se decidira a proceder rapidamente para esse efeito. No Norte de África encontrava-se um poderoso exército comandado pelo marechal Graziani que atravessara a fronteira do Egipto e se preparava para conquistar êste país e alcançar o canal de Suez. Os acontecimentos ocorridos nos meses anteriores não eram de molde a tranquilizar inteiramente a Itália quanto à posição que as grandes potências europeias lhe preparavam nos Balcãs. Os soviets haviam-se apoderado da Bessarábia e de parte da Bucovina, iniciando, pela força, o desmembramento da nação romena. O Reich acabara por firmar uma influéncia decisiva em Bucareste que devia servir-lhe excelentemente para o desenvolvimento ulterior das hostilida-

des. A Hungria associava-se à partilha do despojo romeno, invocando os seus direitos em relação à Transilvânia.

É mais que natural que esta successão de episódios causasse inquietação nos círculos dirigentes de Roma, onde antecipadamente se contava com uma attitudão tradicionalmente hostil da Iugo-Eslávia e com a pouca simpatia de Ankara. Em relação com êstes acontecimentos, que se precipitavam, e com as consequências da derrota da França e da resistência da Grã-Bretanha a uma tentativa de invasão, haviam-se realizado durante os últimos dias de Outubro numerosos encontros diplomáticos da maior importância. O chanceler do Reich avistara-se, successivamente, com o Duce, no Brenner, com o generalíssimo Franco, na fronteira franco-espanhola, onde expressamente se deslocara para êsse feito, e com o marechal Pétain, em Montoire, onde os dois homens de Estado haviam lançado as bases de uma futura colaboração franco-alemã que pusesse termo à rivalidade secular entre os dois países. Esta aproximação, bem como as perspectivas que ella denunciava, não podiam também encontrar o aplauso incondicional da Itália. Foi por tôdas estas razões que em 28 de Outubro o Fuhrer e o Duce se encontraram, de novo, em Florença. Quando o encontro se realizou ambos estavam perante um tacto consumado: a invasão da Grécia pelas tropas italianas.

O PRIMEIRO COMUNICADO

Sobre as últimas palavras trocadas entre os chefes das nações do «eixo» caía a cortina do primeiro comunicado italiano:

«Ontem, ao amanhecer, as nossas tropas, que se encontravam na Albânia, transpuseram a fronteira grega e, em muitos pontos, penetraram em território inimigo. A nossa aviação, apesar das desfavoráveis condições atmosféricas, bombardeou repetidamente os objectivos militares que lhe tinham sido assinalados, atingindo os edificios, os cais e a gare de caminho de ferro de Patras, provocando incêndios. Bombardeou, igualmente, installações situadas ao longo do canal de Corinto, a base naval de Preveza e o aeroporto de Tatoi, perto de Atenas.»

A noticia provocou, em todo o mundo, a maior impressão. Por toda a parte houve, immediatamente, a sensação exacta de que a guerra ia alastrar aos Balcãs. A circunstância de o início das hostilidades entre a Itália e a Grécia coincidir com uma entrevista de Hitler e Mussolini, à qual nos meios diplomáticos da Europa e da América se attribuiu desde logo a maior importância contribuia ainda para dar um relevo maior ao acontecimento que havia, com o decorrer do tempo, de se revelar fértil em consequências.

Que objectivos concentrara, na Albânia, o Estado Maior italiano para realizar as operações prescritas pelo governo de Roma? Tinham ali sido concentrados dois exércitos, o IX e o XI, cada um dêles constituído por três corpos de exército, a cerca de cinquenta mil homens. Era, portanto, um conjunto poderoso de aproximadamente trezentos mil homens que incluía, além de vários regimentos de «bersagliers» e bata-

lhões de «Camisas Negras», uma divisão de «élite», a divisão alpina «Julia» e numerosos legionários albaneses. O material posto à disposição do comando era numeroso e dos últimos modelos: artilharia poderosa, algumas centenas de carros e milhares de aviões.

Para dirigir as operações militares na fronteira da Grécia fôra escolhido um dos mais ardentes apóstolos dos princípios da guerra relâmpago, o general Visconti Prasca, que adotara as teses conhecidas de Ludendorff num livro que teve grande repercussão nos meios militares europeus: «A guerra total». Tudo indicava, portanto, que pela importância das forças postas em movimento e pela qualidade do comando, a Itália desejava liquidar rapidamente o seu devedor com a Grécia.

A OFENSIVA NO EPIRO

Em que consistia o plano italiano? A frente estendia-se por cerca de cento e cinquenta quilômetros, dividindo-se por três sectores. Ao sul, o sector de Epiro, desde o mar até Janina, dominado por um curso de água, o Kalamar; ao centro, o sector montanhoso do Pindo, junto à fronteira greco-albanesa; ao norte, o sector de Florina, próximo da cidade deste nome. Inicialmente tudo parecia indicar que era no sector de Florina que se desencadearia, com maior impeto, a ofensiva italiana. Uma vez conquistada esta cidade, ficaria aberto o caminho para Salónica que parecia ser o principal objectivo do comando. Com a perda de Salónica toda a Grécia do norte, incluindo a Macedónia, cairia em poder dos italianos. Cedo, porém, o sentido das concentrações realizadas e a direcção do ataque desencadeado indicaram claramente que não era nessa direcção que o general Visconti Prasca se orientava. O golpe decisivo devia ser vibrado no sector sul, visando directamente a capital do Epiro. Janina era uma cidade de cerca de trinta mil habitantes, a sessenta quilômetros da fronteira da Albânia. A natureza do terreno, fortemente ondulado, não era de molde a facilitar o desenvolvimento das operações por parte de um exército motorizado, como era o exército italiano. Para remediar este inconveniente, o comando dispunha de formações de «élite» especializadas na guerra de montanha, os alpinos, e contava com o concurso de uma aviação de qualidade.

Por isso no sector do Epiro foi desencadeado o ataque mais forte, cuja realização appareceu confiada a três colunas poderosas: a primeira avançava ao longo da costa, tendo por missão tornea as posições gregas que defendiam Janina; a segunda devia seguir o curso do Kalamar, em direcção àquella cidade; a terceira tinha de operar através do maciço montanhoso do Pindo, tendo Metsovo como objectivo. A esta última cabia a missão mais importante e arriscada, dada a natureza do terreno em que era necessário operar, e por isso ela foi confiada aos alpinos da Divisão Julia.

Tratava-se, em resumo, de alcançar rápida-



General Metaxas

mente Metsovo, deixando para trás Janina, que seria investida pelas tropas da primeira coluna, abrindo caminho pela Tessália até atingir a capital do país, Atenas. Para fazer frente a esta ameaça, os gregos concentraram todas as suas forças disponíveis, encarregando do respectivo comando o seu chefe de Estado Maior, general Papagos.

AVANÇO CONFIADO

Quando se iniciaram as hostilidades os gregos dispunham de uma divisão e de uma brigada no sector de Koritza, de um regimento e de uma bateria de artilharia no sector de Pindo. Durante o avanço italiano as forças que guardavam a fronteira foram obrigadas a retirar, embora combatendo. O comando grego procurava retardar o avanço italiano a fim de poder fazer a sua mobilização que se iniciou no meio de manifestações populares.

Apesar de dispor de poucas forças, o general Papagos tomou a iniciativa das operações no sector de Florina, revelando, desde logo, os seus soldados um espirito combativo pouco vulgar. Nesse sector (Florina) os destacamentos gregos penetraram em território albanês numa profundidade de 5 quilômetros, conquistando, à baioneta, algumas posições do adversário e aprisionando algumas dezenas de oficiais e soldados. As posições ocupadas situavam-se na crista dos montes que bordejam a linha da fronteira e dominam a estrada de Florina a Koritza. Esta estrada ficou assim, desde o início da luta, à mercê da iniciativa dos gregos, o que constituia uma ameaça evidente para a manobra italiana.

Eram, porém, as tropas gregas encarregadas de assegurar a defesa de Metsovo que teriam de suportar o principal choque do exército italiano. Esse choque não se fez esperar.

Mas no sector de Pindo, os destacamentos gregos de cobertura defenderam-se com energia, permitindo assim que o comando dispusesse do tempo necessário para fazer as concentrações de tropas que as circunstâncias impunham. Uma vez vencida a resistência desses destacamentos, as tropas italianas penetraram profundamente em território grego e aproximaram-se de Metsovo. A partir de certo momento a progressão dos soldados da Divisão Alpina fez-se com uma rapidez que não deixava de constituir certo perigo para a sua segurança e para o funcionamento normal das suas linhas de comunicação. Deixaram, assim, de acatular convenientemente uma retaguarda de que se afastavam com confiança, descuidando as possibilidades dum contra-ataque grego. Esse contra-ataque não estava previsto e a acção constante e vigilante da aviação parecia suficiente para prevenir as surpresas que, nessa altura, se consideravam possíveis do lado grego. Esta tática arriscada revelou-se, em certo momento, repleta de perigos.

UM COMUNICADO GREGO

Em 11 de Novembro, um comunicado grego anunciava:

«Um grande número de italianos, entre os quais muitos oficiais, foram aprisionados na região de Pindo, e apoderámo-nos de grandes quantidades de material de vária espécie.»

Dois dias depois, outro comunicado, da mesma origem, dizia:

«A Divisão Alpina italiana, duramente experimentada, continua a retirar em direcção a Koritza.»

Que se passara efectivamente? Na noite de 9 para 10, as tropas gregas especializadas também na guerra de montanhas, os «evzones», tinham ocupado apressadamente as cristas da cordilheira de Pindo. Enquanto não clareou a manhã, a população civil das aldeias circunvizinhas auxiliou incessantemente os soldados, transportando os abastecimentos e o material necessário. As primeiras horas do dia tudo estava preparado para o contra-ataque, que foi desencadeado com uma rapidez inesperada. Esse contra-ataque não era esperado. O efeito de surpresa produzido entre tropas que avançavam confiadamente foi enorme. Apanhadas de revés, essas tropas foram obrigadas a recuar, o que não deixava de provocar repercussões imediatas no conjunto do dispositivo de ataque italiano.

No dia 14, a povoação de Koritza era evacuada pelos italianos. Os gregos, depois de terem libertado as povoações que no seu ter-

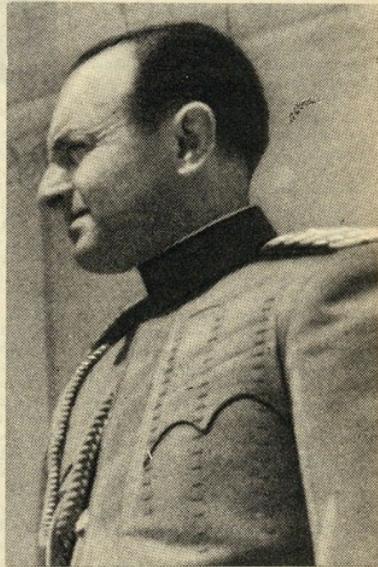


General Papagos

ritório haviam sido ocupadas pelo inimigo, penetraram, por sua vez, em território albanês, onde ocuparam algumas povoações. A conquista de Metsovo, pelo menos durante certo tempo, tinha de ser posta de parte.

As dificuldades encontradas pelos atacantes, além da surpresa e da bravura com que os soldados gregos se bateram no primeiro recontro, diziam principalmente respeito à natureza do terreno montanhoso e desprovido de meios de comunicação. «O terreno—escrevia um correspondente de guerra que acompanhara as tropas italianas durante o seu avanço inicial—revelou-se dos mais difíceis. Os soldados italianos depararam com uma série de vales profundos, cortados por gargantas estreitas e despidos de vegetação. Não havia, praticamente, estradas. As poucas que se encontravam eram medíocres. Na maior parte dos casos tratava-se de simples caminhos.» Um exército fortemente motorizado, e era esse o caso do exército ita-

(Continua na pág. 16)



Príncipe Paulo da Jugoslávia

panorama internacional

A hora do destino

por Francisco Velloso

NESTA altura em que, pela feiura das ansiedades da opinião pública mundial, se esboçam os sucessos, não é possível antecipar passo a passo o que se procede a uma revisão, fazendo descer a sonda ao mar revolto a contar braças, aliás sem a costumada cantilena entoada dos marujos nessa operação de rumo, que não vai tempo nem folga para isso.

E o que bate de chapa na surpresa dos observadores, que, como nós, se esforçam, não por talhar o destino do mundo à laia de melancia, mas por não perder o senso objectivo das coisas, é que, no momento preciso e angular em que a guerra entra para a fase ou fases em que vai marcar-se a sua tendência; no momento em que os dois grandes blocos adversos deviam estar a defrontar-se com plenos meios em acção, vemos outra vez (e desta «em perigo mortais») os pratos da balança em franco desequilíbrio.

Há meses e meses, que talvez contem mais de semestre, Hitler levanta na Alemanha a mobilização em massa. Contém os insofridos. Castiga os murmurantes. Intensifica a produção. Desvia dos países ocupados milhões de operários que vão substituir nas fábricas as classes de reserva. Incute no espírito público a expectativa confiante na vitória da nova campanha a leste. Neutraliza Malta e, enfranquecendo a esquadra e os combóios britânicos no Mediterrâneo, dá reforços a Rommel que desencadeia a sua ofensiva, fixando as forças e enorme material aos ingleses no Norte de África. E trazendo todo o seu potencial para leste, abre a grande batalha contra a Rússia.

Três sombras pairavam sobre o seu plano: a de que os Aliados lhe iam criar uma segunda frente, obrigando-o a dividir forças e aliviando o russo; a de que bombardeamentos da R. A. F., constante e aprofundamente lançados sobre as cidades e centros vitais alemães abalariam a opinião do interior do país pelo temor pânico; a de que dos pactos anglo-russo-americanos nasceria nas Nações Unidas a ofensiva diplomática conjunta à militar e industrial.

A retaguarda de segurança da Alemanha está no mar, nas rotas dos combóios de abastecimento que dos Estados Unidos saem para o Oriente, para a África Equatorial, para a Inglaterra e para a Rússia. A Raeder e a Donitz cabe o papel de, dentro das águas e diante dos pontos ocidentais da América, impedirem a todo o transe que o inimigo respire e se abasteça. E eles ferem a fundo e quasi alarmantemente, como em 1917, a navegação.

Ora, em breve, aquelas três sombras se esvaem. Hitler pode atacar

sósinho e à vontade a Rússia numa guerra de uma só frente; os raids da R. A. F., interpolam-se e interrompem-se a largos espaços; dos pactos anglo-russo-americanos, o primeiro assinado ainda a 26 de Maio, o segundo em 10 de Junho, nada sai, a não ser um mês de congratulações festivas. A questão da marinha mercante que é simultânea à da segunda frente, passa para diante de ambas. Os auxílios urgentes à Rússia absorvem todas as disponibilidades materiais, e Ritchie vem a senti-lo na Líbia quando, sem reservas, executa a retirada sobre as bases da fronteira egípcia salvando o grosso do 8.º exército que irá entregar ao comando de Auchinleck. O debate parlamentar de Londres é um sinal de desprestígio. A máquina das Nações Unidas não funciona como devia. A Alemanha não a encontrou no caminho ao desencadear a sua ofensiva de verão. Eis a verdade nua e crua.

Mais tarde lançarão historiadores e memorialistas as revelações de factos ainda ocultos, que de algum modo possam justificar melhor esta situação dramática. Mas por enquanto, nada existe que, para uma apreciação exacta dos acontecimentos, nos determine a não colocá-la assim, em primeira linha, tal como aparece. Deixásemos de o fazer e mais de metade dos acontecimentos não encontraria o fio da lógica.

O QUARTO DE HORA DE AUCHINLEK



AUCHINLEK

Duas batalhas concentram as atenções gerais: a do Egipto e a de leste. Quanto à primeira, e reatando o resumo em que a vinhamos descrevendo, a partir de 6, a posição dos dois adversários modificou-se. Um oficial inglês vindo da frente exprimia a impressão de que se Auchinleck resistisse durante mais 48 horas, o Egipto estaria salvo. A evolução da batalha ia, com efeito, evolucionar nesse sentido. Desde o dia 3 que forças britânicas apreciavam já a combater a oeste de El Alamein e no dia seguinte, Rommel via esbarrarem-se ataques seus para o sul, visando o centro da vasta bolsa que o general inglês formava com a sua frente, desde aquela povoação para o sul, voltando depois ligeiramente para leste e depois para nordeste. Após aquele malogro de Rommel esta bolsa reduziu-se mais ao centro e da banda de norte avançava mais para oeste. Reforços sobre reforços (vindos dos últimos combóios americanos para o Índico, a que se referia Churchill, e através da África) chegavam a Auchinleck. As forças francesas livres entravam em acção. A superioridade da R. A. F.

mantinha-se.

Para se avaliar da importância desta batalha, dentro do plano alemão, é assás curioso notar que nesse mesmo dia 6, confirmava-se que estava tudo preparado na Wilhelmstrasse para que, à entrada de Rommel em Alexandria, que já se havia por certa, logo se desencadasse um vasto movimento de pressões diplomáticas em Espanha, França, Turquia e África Francesa do Norte, a fim de criar integrado na política do «Eixo» o bloco anti-britânico das nações ribeirinhas do Mediterrâneo. O futuro deste mar que um dia esteve nos convés da esquadra do almirante Cunningham, passava para a palma da mão de Auchinleck. A pressão inglesa ganhava aspectos de cada vez mais fortes de reacção contra-ofensiva. A 7, Rommel via-se reduzido a lutar numa faixa da profundidade escassa de 15 milhas, entre o mar e as alturas de Bir-el-Mukheisin. As divisões italianas que os néo-zelandeses tomavam à sua conta, e a 90.ª e 15.ª «panzer» alemãs pagaram duramente este recuo do marechal alemão. «Alguma coisa em início parece surgir», dizia o comentador do «Times». No dia seguinte

MORREM OS DENTES ADOCEM AS GENGIVAS

nas bôcas sem



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um enérgico microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bôcas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.**

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

considerava-se concluída a primeira fase da batalha. Rommel fora de facto repellido para oeste de El Alamein, estendendo a sua frente desde oeste da famosa povoação até 20 milhas para o sul, e seguidamente por 30 para ocidente até às mediações de El Daba «formando um L grosseiramente desenhado, segundo se comparava no Cairo, e a frente britânica traçava o «cargalo de garrafa» desde El Alamein até à extrema ocidental da Depressão de Catara. Auchinleck lançara a tempo um ataque ao flanco direito do adversário que se viria obrigado, sob tal ameaça (quando a R. A. F. via seguirem para as bases de oeste filas de camiões alemães em retirada), a reduzir a sua linha de batalha. Nesse momento surgiu a velha questão: «Auchinleck tinha forças bastantes para atacar, depois de repelir Rommel? Chegaram a tempo os reforços de que carece?» Mas a batalha estagna. Um telegrama de Washington assinala que o marechal continua a receber pela Tunísia camiões e abastecimentos. A 10 sabia-se que da Hungria e da Jugoslávia contingentes alemães desciam para o sul da Grécia e para Creta para seguirem para África. Mediam-se de lado a lado os dois chefes. A batalha da defesa do Egipto ficava sem se decidir.

Um sintoma no entanto aparecia: Rommel tinha menos aviação. Os ataques a Malta diminuíam em número de esquadras e em frequência. A campanha contra a Rússia não influirá na África do Norte?...

A MARGEM DOS FACTOS



ROMMEL

A pergunta pode ser formulada à vontade. Se o auxílio à Rússia (a quem há semanas o maior jornal de Inglaterra cometeria o encargo de aguentar mais uma vez o fardo do choque alemão pois não podiam os Aliados fazer mais) é para as Nações Unidas questão vital, para Hitler é o nó da guerra e de toda a sua política continental. E dado o empenhamento da luta, ferozmente absorvedora de todos os recursos, de uma e outra parte, é de crer que não possam estes ser tantos que possam dispersar-se por outros teatros da guerra. Verificar-se-á isto mais tarde.

Por agora, deve ainda observar-se, dentro do plano germânico da célebre tenaz, que em Berlim havia urgência em que Rommel atingisse o mais rapidamente possível o Canal de Suez. Quando Rommel, assaltando e engulindo Tobruk, corria sobre a fronteira, a primeira perspectiva do seu avanço (é fácil comprová-lo nos próprios comunicados alemães) não era a zona costeira,

mas as posições entre Sidi-Omar e o Forte Madalena por onde, circunvolvendo a Depressão de Catara, ele alcançaria o Cairo. Porque quasi de súbito se meteu Rommel no «gargalo da garrafa», muito mais fácil de defender por Auchinleck com os reforços que recebia e que o marechal alemão não podia ignorar? Só o acima indicado objectivo politico de Alexandria e Suez explicariam cabalmente, a nosso ver, a modificação da linha da ofensiva alemã. Rommel em Suez e todo o «perigo mortal» cairia sobre a Inglaterra. Um assalto à Siria (ainda não posto de parte, pois mesmo agora chegam noticias das fortificações nas ilhas do Egeu, entre as quais Lemnos e Rodos, bases desse assalto e de uma pressão oportuna sobre os portos turcos da Asia Menor, tão importantes como Smirna e Alexandreta) um assalto à Siria, diziamos completaria o rasgo de Rommel, colocando o general Wilson na difficil posição de sustentar à todo o transe a fronteira sirio-egipcia e as portas do Próximo Oriente — não devendo esquecer-se que ainda há pouco foram executadas as operações no Iraque e que italianos e alemães buscaram minar a Arabia sandita. O alarme na Siria está dado. Haifa e Jerusalem têm sido bombardeadas. Wilson e as forças de Catroux puseram-se a postos.

A batalha do Egipto ainda não se decidiu. Mas a Inglaterra já deve isto a Auchinleck e à bravura das suas tropas: — o segundo braço da tenaz alemã não funcionou na hora própria, isto é, sinérgico com a batalha da Russia.

PARA SE COMPREENDER



TIMOCHENCO

Esta assumiu, entretanto — e, lito seja, dentro de todas as previsões — um carácter que pode dizer-se decisivo para o destino da guerra. O marechal Timochenko, ao formular as regras a que devia obedecer o estorço militar russo, comentava destarte a experiência das campanhas da Polónia e de França: «Esta guerra europeia, nada traz essencialmente de novo às concepções estratégicas, mas há um ponto em que surtem modificações decisivas. As operações ofensivas de 1914 e 1918 falharam porque o ritmo do ataque igualava o das reservas do exército em defensiva. O defensor conseguia, no caso de rotura, organizar sempre na retaguarda novas linhas de resistência. As divisões alemãs blindadas apossaram-se, em 1939 e 1940, à chegada das reservas». Durante a campanha de inverno, Timochenko operou assim. E agora opera da mesma maneira. A diferença está em que nessa campanha ofensiva russa que começa, em ofensiva coordenada por todos os sectores, o grande objectivo era a usura do adversário e rematava (como já se divisa actualmente em alguns sectores russos) naquilo a que os técnicos franceses chamam: «guerre de mouvement sur places» isto é «golpes de mão, ataques de surpresa, arancos, ofensivas locais multiplicadas, mas não havia frente fixa continua» e agora, o ataque alemão procura esta frente fixa para uma perfuração de fundo, para a destruição do exército russo, objectivo máximo em 1942.

Além dessa mobilidade coordena-

nada que é na verdade «a lição de Timochenko», como já lhe chamam, e que se verifica numa frente de mais de mil quilómetros de extensão, que opõe ele a von Bock? Sabendo antecipadamente da superioridade numérica alemã proveniente duma mobilização estrutural dos recursos do Reich para este golpe supremo, a qual não pode repetir-se, o marechal russo replica na frente com um sistema de contra-ofensivas à point, e estabelece sobre as retaguardas, divididas em regiões quasi independentes de abastecimentos mas cortadas na acção geral, com o apoio de forças motorizadas e mecanizadas que variam constantemente de métodos, uma rede profunda de defesas apetrechadas que as transforma em imenso campo de manobras. Donde resulta tática e estrategicamente uma nova forma de guerra de movimento, sustentada por novas linhas de comunicação adrede preparadas, porque nem o marechal nem o Conselho Superior de Defesa dormem diante de um inimigo acordado.

Assim, é agora revelado que os russos construíram, utilizando muitas linhas secundárias, uma via férrea paralela, 80 a 160 quilómetros mais para o oriente. Vai de Roskov a Svoboda, vira depois para leste, fazendo dois desvios, o primeiro para Annovka-Lipetsk e o segundo para a Balachov-Tambov-Moscovo. Assim, os russos prevendo que os alemães tentariam cortar a ligação do tráfego entre o sul, centro e norte da Russia (como de facto estão a cortar), construíram febrilmente um novo sistema ferroviário, e em caso de perigo distribuíram grandes reservas de abastecimentos em cada distrito militar, e a cada exército dos distritos especiais de industria, fornecimentos explosivos. Timochenko poderia em caso de necessidade, receber todos os seus fornecimentos dos Urais, Sibéria Occidental, para onde mantém uma ligação ferroviária directa, via Cheliabinsk-Ufa-Kuibishev e um desvio através do norte do Cáucaso.

Depois vem o grande campo entricheirado que um ilustre técnico comentador do exército francês em Londres assim descreve: «Quanto ao sistema fortificado, apresenta-se sob a forma duma zona profunda, semeada de pontos de apoio e acampamentos de tropas. Não se pode imaginar que uma vez transposta a primeira linha, as posições de artilharia, os terrenos de aviação ou as vias de comunicação se ofereçam indefesas ao atacante. Pelo contrário, este acha-se num terreno em que cada localidade, cada aeródromo, cada acampamento de infantaria, de artilharia ou de «tanks» é defendido e tem de ser

tomado de assalto. Todos estes centros de resistência são protegidos por largos campos de minas (o processo adoptado depois na Líbia) ligados uns aos outros por cadeias de obstáculos e pontos de apoio. Se as comunicações são cortadas pela retaguarda, os aviões de abastecimento logo intervêm».

Com a experiência das frustradas ofensivas anteriores, o comando alemão, sabe que só é possível avançar com um gigantesco poder de gente e material e pelo número de armas, verdadeiramente arrasador, porque a «Wehrmacht» não possui um corpo «preciosíssimo» que só é possível na Rússia devido à psicologia do camponês: — o das guerrilhas e dos paraquedistas que se infiltram temerosamente nas retaguardas, como agora está a ver-se em Rjev.

A BATALHA DE MORTE



VON BOCK

Já se observa nesta ofensiva que é na superioridade numérica e na quantidade das armas que o alemão baseia as irrupções possíveis, lançadas maciçamente. Morley Richards escrevia no dia 8 para o «Daily Express»: «Como é que o marechal von Bock conseguiu avançar 30 milhas em quinze dias? A resposta está na superioridade do seu armamento. As suas armas não são de melhor qualidade do que as russas, mas são em maior número. Os abastecimentos britânicos continuam a manter-se, mas a passagem dos combóios marítimos é vigiada pelo inimigo no Ártico, parcialmente bloqueado pelos gélos. Os abastecimentos americanos são também muito reduzidos. Estão, porém, a aumentar. As comunicações através da Pérsia desenvolvem-se rapidamente, mas ainda não dão vazão às grandes quantidades de carregamentos planeados».

Sobre o método de acção defensiva, é interessante este exemplo, dado por um correspondente junto de um quartel em operações:

«Os russos atacam rapidamente as «Panzers» alemãs em toda a parte, enviando simultaneamente grupos de choque para dizimar as formações alemãs sobre os flancos dos principais grupos de ataque. Assim, as formações dos flancos são poderosamente atacadas, pedindo socorro, e o adversário é obrigado a enfraquecer as forças que conduzem o ataque principal para os auxiliares, e o avanço fica sustado. Os russos têm tirado resultados em deter os «tanks», usando meios simples como a nova espingarda anti-«tank», garrafas incendiárias, e minas. Todas estas armas exigem espírito excepcional de sacrificio, mas os soldados russos nunca hesitam em aceitar perigos. Os «tanks» russos continuam a desempenhar a mais importante parte contra os «tanks» alemães. Utilizando a sua habilidade especial de se esconderem onde podem, as formações russas de «tanks» têm conseguido bons resultados com a tática de emboscadas. Já aprenderam a grande importância de tomarem a iniciativa local, abrindo fogo em primeiro lugar. Num ponto, onde atacaram 300 «tanks» alemães, os russos deixaram-nos aproximar bastante e depois lançaram-nos numa grande confusão momentânea, atacando-os súbitamente por todos os lados, aparecendo muito próximo deles, das posições onde estavam es-

condidos. Seguiu-se um duelo feroz de artilharia entre os «tanks», apenas a 6 ou 7 passos de distância uns dos outros. Os aviões alemães não podiam intervir. Ao cair da tarde os defensores depois de terem esmagado 100 «tanks», obrigaram os restantes a retirar, perseguindo milhares de soldados de infantaria que os apoiavam, numa extensão de vários quilómetros, dizimando-os em massa e reconquistando 3 aldeias que encontraram cheias de cadáveres. Foi esta acção que principalmente sustou a tentativa inimiga para alargar a sua testa de ponte no rio, em direcção ao norte».

Este trecho assás vivo de um combate na linha do Don pode ser completado com este do Svarze Korps: «O soldado faz na Rússia vida primeira a experiência da guerra na sua totalidade. Já não é a simples luta de dois exércitos que querem assegurar-se a superioridade estratégica, mas o choque medonho de dois grandes povos que sabem que combatem para sobreviver como nações. Trata-se de uma guerra de aniquilamento, que a história da Europa moderna ainda não conheceu. Isto explica o implacável carácter desta guerra em que, de nenhuma das partes se espera perdão. Muitas vezes os combates transformam-se em desumanas carnificinas». Nos comunicados alemães e russos há um verbo que peculiarmente se repete: — matar.

Assim se desenrola a batalha sem quartel.

A 7, von Kleist penetra profundamente, atingindo o Don, desde Kursk, enquanto outro movimento parte de Novo Oskol para o norte. Os russos recuam numa frente de 200 quilómetros mas os alemães não logram ultrapassar Voronej. Todo o rectângulo de Kurks-Voronej-Kubiansk-Karkov está em fogo. A frente de ataque no dia 8 estreita-se mais e os impulsos alemães distribuem-se de Kubiansk para o rio Oskol — e este não passa — de Bielorod para Staryoskol de Volchansk para Valuiki. Os russos partem com Zukov, o defensor de Moscovo, desde Ligny, a 100 quilómetros a noroeste de Kursk sobre o flanco alemão em Tim e por Kubiansk, ao sul sobre a retaguarda. Mas o núcleo russo que se batia em Saryoskol tem de retirar e a contra-ofensiva de Zukov lança-se duplamente no sector de Orel para aliviar Timochenko em Voronezh que não cede. O outro de Kubiansk ainda se mantém. Mas no dia 10, von Bock lança-se em massa de Staryoskol sobre Svoboda e de Volchansk sobre o Don e em dois ataques de flanco apodera-se de Rossosh sobre o rio, ao fim de cinco dias de combates violentíssimos.

(Continua na pág. 14)

HOTEL DA COPA

CALDAS DA RAINHA

Telefone 41

Completamente remodelado
Esplêndidas salas de banho,
com água corrente quente
e fria

Frequentado pela melhor
sociedade

ON PARLE FRANÇAIS
ABERTO TODO O ANO

NOVO PROPRIETARIO
E GERENTE

LUIZ SAUDADE E SILVA

Vida
MUNDIAL
de Lisboa

A SÍFILIS e o seu remédio

Combater a sífilis sem abalos no organismo com um tratamento cómodo e económico, actuando em todas as manifestações da doença, tratamento feito durante os trabalhos ou ocupações de enfermagem, consegue-se com o

DEPURATOL

que logo de início dá alívios, bom apetite de comer e uma boa disposição de espirito.

Tubo, por quasi uma semana de tratamento — 11500.

EM TODAS AS FARMACIAS



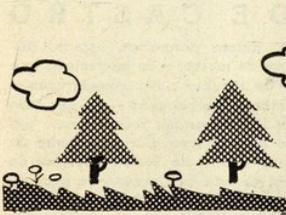
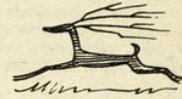
AS PISTAS PARA CAVALEIROS NO PARQUE FLORESTAL DE MONSANTO



COM UMA LINDA FESTA DESPORTIVA e mundana, verificou-se há dias um interessante acontecimento na vida cidadina: a inauguração oficial da pista para cavaleiros no Parque Florestal do Monsanto. As amazonas e os cavaleiros concentraram-se para o efeito nos largos dos palácios da Ajuda e Fronteira. Em seguida, dirigiram-se todos para Montes Claros seguindo os percursos indicados pelos delegados especiais da Sociedade Hípica Portuguesa. Damos nestas páginas alguns aspectos da reunião, vendo-se, ao centro, os srs. Fernando Pinto Basto e capitão Oliveira Reis, com sua esposa e irmã.

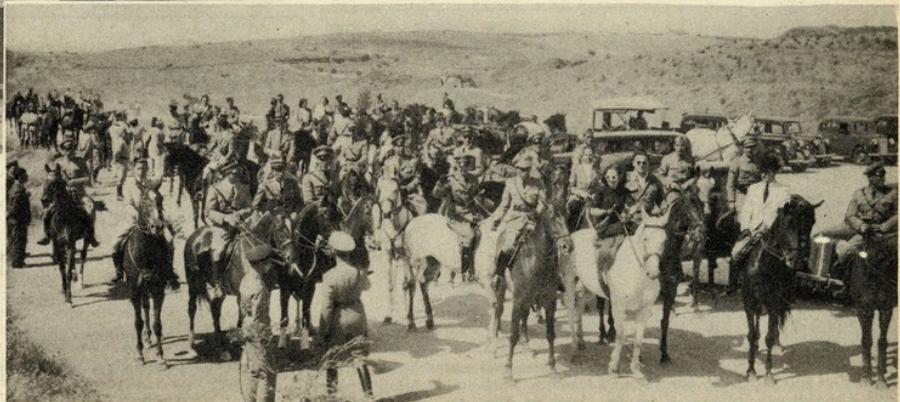


A FESTA DESPERTOU o maior entusiasmo e teve a assistência e participação de lindas amazonas, dos nossos mais conhecidos cavaleiros, de distintíssimas senhoras da nossa melhor sociedade e de numerosas individualidades das esteras oficiais. À esquerda, vêm-se algumas das senhoras que, a cavalo, assistiram às provas. Em baixo, um numeroso grupo de cavaleiros e amazonas.



APÓS AS PROVAS, no miradouro de Montes Claros, serviu-se um chá e procedeu-se à distribuição dos prémios das «poules» do corrente ano. Desta reunião, damos noutro lugar dêste número da nossa revista, duas fotos de conjunto. Nesta página: À esquerda, um grupo de assistentes; em baixo, os concorrentes e convidados preparados para a partida, vendo-se, ao centro, o sr. governador militar de Lisboa.

(Fotos Armando Seródio)



PANORAMA INTERNACIONAL

(Continuação da pág. 11)

A primitiva cunha de Voronej amplia-se por 150 quilómetros para o sul. Estamos no 14.º dia de batalha que se transmuda pouco a pouco sobre o terreno de uma hecatombe e que os elementos atrás apontados explicam.

Num recanto de um telegrama para um jornal sueco, lê-se: «Os alemães estão agora a reagrupar e reforçar as suas tropas gravemente molestadas, para novos ataques. Parece estarem preparados para sacrificar qualquer quantidade de material humano sem mesmo contar com ele para prosseguir a sua estratégia de perfurar as linhas russas».

No inverno, um correspondente suíço escrevia de Berlim, a 27 de março de 1942 para o *Neue Zürcher Zeitung*: «A campanha que até agora se caracterizára por grandes movimentos, degenera numa espantosa batalha de usura». É cedo ainda para a comparação?...

REMATE



DE GAULLE

Em maio, comentando a campanha de inverno, o já aludido grande general francês, redigia o seguinte: «O estado maior alemão tem manifestamente o plano de se lançar com a maior parte das suas forças militares sobre uma Rússia isolada. Mas hoje para arrojado tudo contra a frente russa, a Alemanha tem de correr um grande risco. Da frente russa até ao Atlântico há um espaço imenso quasi vazio de homens alemães, salvas as divisões acantonadas em França que são de segunda qualidade. Não é só a França mas a própria Alemanha que, durante os combates na Rússia, está quasi sem defesa contra o assalto dum exército moderno».

Perpassava evidentemente nestas palavras o sonho da «segunda frente». Se o leitor tiver paciência de releer a primeira parte desta crónica, encontra o resto. No dia 5 de junho, no fim de um despacho de Moscovo, lia-se o seguinte: «O desencadeamento de uma ofensiva aliada na Europa ocidental transformaria a situação, apressando o fim de Hitler». *Quod erat demonstrandum*.

Submetem os Aliados a Rússia à prova da resistência?

De Gaulle acaba de receber de Washington um quasi reconhecimento oficial com a troca de delegados seus e de Roosevelt para execução duma unidade de objetivos, e com a garantia do seu governo nas colónias francesas que aderiram à França Livre.

Nesse documento lê-se o seguinte: «O Governo americano aceita calorosamente a maneira de ver do Governo britânico, que sabe ser também a maneira de ver da Comissão Nacional Francesa Livre, de que o destino e organização política da França devem, em última análise, ser determinados pela livre expressão do povo francês com a condição de ter liberdade de expressar os seus desejos, sem ser influenciado por quaisquer espécie de coacção».

O «Times» congratulava-se nestes termos por um acontecimento cujo alcance histórico é visível depois que De Gaulle estabeleceu há pouco o seu pacto político com as organizações da resistência francesa: «O mal entendido levantado pelos desembarques dos Franceses Livres em S. Pierre et Miquelon, perto da Terra Nova, demorou o acôrdo e há toda a conveniência em que a cooperação dada por Londres aos Franceses Livres seja acompanhada também por uma cooperação completa dada em Washington. Os Franceses Livres administram muitas áreas estratégicas ricas do mundo, o que lhes dá direito a tomarem parte nos planos aliados. Ainda mais importante do que isso é o facto de serem o símbolo da resistência francesa. O termo «Gaulista» é quasi sempre usado em França como sinónimo de anti-alemão. Se bem que o Movimento tenha sofrido várias alterações, o seu significado mantém-se inalterável. O acôrdo com Washington deve aumentar o seu valor, como força combativas».

De Washington vinha a informação de que nem o almirante Leahy nem outro representante norte-americano regressariam a Vichy, e, no mesmo dia, um grande incêndio devorava em Marselha armazéns de abastecimentos destinados a Rommel pela Tunisia. Von Runstedt inspeccionou as defesas da Holanda. A zona de operações na Bélgica foi estendida até Bruges, entrando em regime de preparação militar toda esta zona e os seus habitantes. Um comunicado militar começou a ser publicado em França.

O problema continua a ser o mesmo.

FALA-SE ESTA SEMANA DE...

DR. COSTA SACADURA



Atingido recentemente pela lei do limite de idade, inexorável para as grandes figuras da vida portuguesa, abandona agora todos os cargos oficiais que tem desempenhado com tão grande apêgo ao trabalho, o sr. dr. Costa Sacadura, médico e professor, director de Maternidades e de Escolas de Enfermagem, que, após uma brilhante carreira profissional e pedagógica, feita a golpes de talento e graças às suas magníficas qualidades de trabalho, se despediu há dias dos seus alunos, recebendo, nêsse momento, homenagens justissimas — a que tem direito.

FERNANDA DE CASTRO



Poetisa, autora dramática, espírito distintíssimo de mulher e de intelectual, que acaba de receber nova consagração — desta feita no estrangeiro — ao seu belo talento. Um telegrama recentemente publicado na imprensa diária dá conta do êxito que obteve no Teatro Nacional de Bucareste a tradução romena da peça de Fernanda de Castro, «O Destino». Este êxito deve regozijar todos os intelectuais portugueses e todos os admiradores da grande poetisa. O seu nome adquire uma repercussão mundial e êste facto vem confirmar quanto se tem dito e escrito em favor da sua obra.

COSTA BROCHADO



Escritor e jornalista muito distinto que ultimamente se tem dedicado, com muito carinho e aturado estudo, à investigação dos problemas históricos e acaba de publicar um novo volume do género — «Infante D. Henrique» — obra de muita importância e de alto significado que honra quem a escreveu e vai ser lida e discutida com muito interesse. O esforço de Costa Brochado para nos dar a figura do grande Infante em toda a sua verdade bem merece de todos os estudiosos e eruditos a melhor atenção.



O PINTOR RAMON FINA com as personalidades que assistiram à inauguração da sua exposição patente na Sociedade Nacional de Belas Artes. Entre a assistência, vêm-se os srs. Dr. Lopes de Almeida, sub-secretário de Estado da Educação, Dr. Reinaldo dos Santos e o ministro da América

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

DIZE TU, DIREI EU

por LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

67 entrevistas com as figuras mais destacadas da vida portuguesa, ilustradas por 35 caricaturistas. 320 páginas... 15\$00

Distribuidores: AGÊNCIA INTERNACIONAL
Rua de S. Nicolau, 119 — LISBOA

Luis de Oliveira Guimarães



• VIDA MUNDIAL EDITORA •

† O HEROISMO DA **R. A. F.**
defende MALTA †



TEM SIDO VERDADEIRAMENTE NOTÁVEL a actividade da R. A. F. ao serviço da defesa do forte bastião inglês no Mediterrâneo — a ilha de Malta. Nesta página, publicamos duas fotos recentes da luta na fortaleza: o reabastecimento dos aviões de caça que vão levantar vôo após terem saído dos hangares subterrâneos camuflados; e o carregamento das balas para as metralhadoras dum «Spitfire».



LINDO SALTO do cavaleiro montado por José Carvalhosa, vencedor da «Taça de Honra» do Concurso Hípico de Lisboa.



ASPECTOS DA ELEGANTE ASSISTÊNCIA ao chá inaugural do Pavilhão instalado na Serra do Monsanto.

HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 9)

liano encarregado de invadir a Grécia, tinha nesse terreno um inimigo. Tão áspero como a resistência do inimigo.

SUBSTITUIÇÃO DE COMANDO

Depois da batalha de Pindo, o general Visconti Prasca foi substituído no comando das tropas italianas em operações pelo general Soddu. O general comunicou-me telegraficamente o resultado da inspecção a que procedeu nos seguintes termos: «Visitei esta manhã a Divisão Alpina Julia. Devo comunicar-vos, Duce, que foi magnífica a impressão que me produziu esta soberba unidade, mais alta e mais sólida do que nunca nas suas posições de granito.»

O discurso do Duce contribuiu para criar certo ambiente de optimismo. Mas a substituição do general Visconti Prasca e as conversações que logo em seguida se realizaram, em Innsbrück, entre os marechais Keitel e Badoglio, nas quais foi tratado o problema da condução das operações na Grécia, eram sintomas de que essas operações precisavam ser encaradas por um prisma novo, o qual resultava da resistência árdua e da suas conseqüências no plano militar.

são Alpina, a Divisão Julia, que teria sofrido enormes perdas, que teria fugido e sido pulverizada pelos gregos, foi inspeccionada pelo general Soddu. O general comunicou-me telegraficamente o resultado da inspecção a que procedeu nos seguintes termos: «Visitei esta manhã a Divisão Alpina Julia. Devo comunicar-vos, Duce, que foi magnífica a impressão que me produziu esta soberba unidade, mais alta e mais sólida do que nunca nas suas posições de granito.»

O discurso do Duce contribuiu para criar certo ambiente de optimismo. Mas a substituição do general Visconti Prasca e as conversações que logo em seguida se realizaram, em Innsbrück, entre os marechais Keitel e Badoglio, nas quais foi tratado o problema da condução das operações na Grécia, eram sintomas de que essas operações precisavam ser encaradas por um prisma novo, o qual resultava da resistência árdua e da suas conseqüências no plano militar.

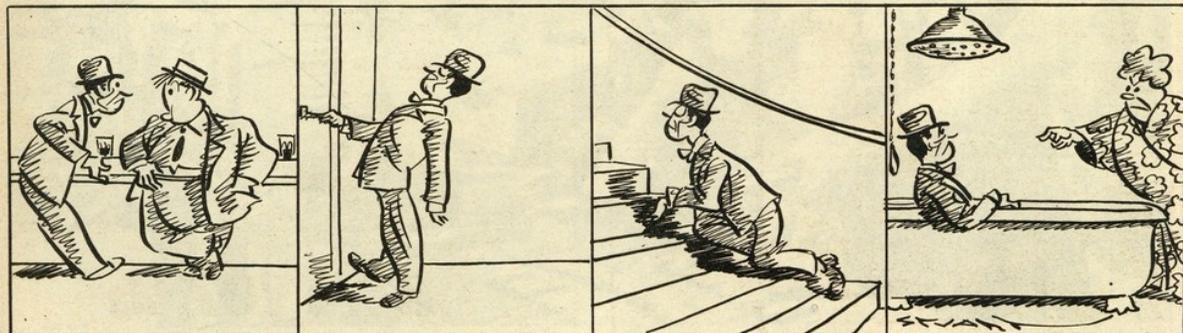
No plano diplomático a situação da Grécia era pouco brilhante. As duas potências, directa e imediatamente interessadas em que o ataque à Grécia não viesse a liquidar-se pela ocupação deste país, praticaram actos e tomaram atitudes que claramente traduziam o seu desinteresse pela sorte da nação helénica. A Iugoslávia e a Turquia afirmaram, oficialmente, que não abandonariam a sua neutralidade. A Iugoslávia estreitou as suas relações com o Reich, o que era uma forma indirecta de melhorar as que mantinha com a Itália. Quanto à Turquia, além de se manter neutral, preparava-se para celebrar um pacto de amizade e boa vizinhança com a Bulgária, processo indirecto de assegurar às nações do «eixo» uma inteira liberdade de movimentos em relação à Grécia.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial).

A CAMA E A BANHEIRA

Por Stuart Carvalhais



— Se eu soubesse, não me tinha casado com a tua filha! Não a posso aturar! Anda sempre a emburrar comigo!

— Calcula tu: Ontem, estive aqui a beber umas coisas, fui para casa, meti a chave à porta e...

— ...como era já tarde, subi a escada muito devagarinho para não acordar. Como estava meio tonto e cheio de sono...

— ...meti-me logo na cama. Pois, mesmo assim, aquela «fera» fartou-se de me chamar bêbedo



UM ASPECTO DA «MATINÉE» DAS COSTUREIRAS efectuada no salão de «O Século» — interessante festa promovida por «Modas & Bordado»



DOIS ASPECTOS DA ASSISTÊNCIA ao Concurso Hípico de Lisboa.

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogas
Preço avulso: 11\$00



LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL

Um jornal que vale por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo

Faça sempre



as suas "fotos"



com películas



Kodak



**Emissões dos ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas*	Dias	Ondas curtas
9.15	Segunda-feira	25.23 m. (11.89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado	31.02 m. (9.67 mc/s)
10.30	Segunda-feira	25.23 m. (11.89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado	31.02 m. (9.67 mc/s)
20.15	Segunda-feira, Sexta-feira	25.40 m. (11.79 mc/s)
		30.90 m. (9.70 mc/s)
		49.60 m. (6.04 mc/s)
21.30	Sábado, Domingo	19.56 m. (15.33 mc/s)
		31.02 m. (9.67 mc/s)
21.45	Sábado, Domingo	31.02 m. (9.67 mc/s)
	Segunda-feira, Sábado	19.56 m. (15.33 mc/s)
23.30	Sábado, Domingo	19.56 m. (15.33 mc/s)

* As horas indicadas são as do meridiano de Greenwich (G. M. T.) isto é, duas horas mais cedo do que a hora de Lisboa.

**OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA**

O amuleto

Uma novela de Castelo de Moraes

N

AQUELE outono aluguei um quarto no Bairro Alto. Rua estreita, sonora e velhinha, de piso desdentado e toda embandeirada de fraldas e cuecas.

Uma rua à 1840 por onde tinham passado gerações mas onde o tempo e o progresso se haviam quedado à esquina, de cigarro na boca, a troçarem do calendário.

O prédio, pequenino, de loja e dois andares, só tinha três janelas em cada piso: duas de sacada e uma de peitos.

Em baixo era a capelista da Inocência, velhota que em nova fóra ajuntadeira de gáspeas, e depois — diziam as comadres — ajuntava corações, sem lucro, só pelo gosto de emparelhar corpos e almas.

Nos dois andares morava uma só família: Dona Pedra, uma espanhola viúva e irmã de militares, ambos mortos na batalha de Cavite a quando da entrada dos americanos na questão das Filipinas, e sua sobrinha, a Lola, vinte anos castiços como uma rua de Triana, com dois olhos capazes de transviar um anjo.

Tia e sobrinha recebiam pontualmente na Legação as pensões de sangue, e não viviam mal.

O ocuparem dois andares não era luxo visto que, em cada um, só havia quatro compartimentos.

A mim coubera-me a saleta independente, esguia como um corredor, e o quarto contíguo, o das janelas de sacada. Não queriam mais hóspedes. Dona Pedra tratava do arranjo doméstico e a Lola urdia malhas para o Grandela.

Passados oito dias e mercê das recomendações com que eu tinha ingressado naquele santuário, eramos como família.

Dona Pedra honrava a memória do seu defunto florindo-lhe o retrato, descrevendo-lhe o aprumo e o garbo, contando-me, com uma lágrima pequenina a tremer nos cílios, as peripécias trágicas do afundamento da esquadra numa baía longínqua que tragara a metade da sua alma. Dona Pedra tinha o amor das fardas e o amor das becas. O pai fóra juiz e concejal numa cidade andaluz. O irmão, pai da Lola, também tinha seguido postos na marinha real.

Desta ascendência herdara a velhota o horror pelas profissões mecânicas, e deste horror nasceram os factos que se vão narrar.

Falei dos olhos da Lola e não falei do resto. Para não gastar palavras que pouco diriam, limito-me a confessar que se os olhos eram muito, o resto era tudo. Mas a Lola parecia não dar por isso. Se conversava com o espelho do guarda-vestidos não repetia a ninguém esses colóquios íntimos e decerto consoladores. Mas a tia receava. Aquela beleza serena dava-lhe cuidados. Queria para a sua filha um noivo de posição, um *pollo bien*, e

nao seria naquele bairro — parecia-lhe — que esse *nóvio de postin* devia aparecer.

Nos meus dias de folga conversávamos, e Dona Pedra fazia-me confidente dos seus recelos.

Na tarde dum desses dias fui dar com ela chorosa a limpar com vagues fúnebres a poeira da minha secretária. Perguntei-lhe pela sobrinha e as lágrimas rebentaram.

— A Lola?

— Foi ao Grandela.

E a seguir, muito enérgica, afirmava-me:

— Pela última vez. Não torna a sair sózinhal!

Raivosa, amarrotou mais uma vez a carta.

— *Si. Es un sin verguenza! Un pillo!*

Numa torrente de lágrimas explicou-me que se tratava dum electricista, ali da travessa. Um que tratava de *las instalaciones, esas...* e apontava para a lâmpada que pendia do tecto.

— *Un sin verguenza!*

O ódio espumava-lhe nos cantos da boca. O atrevimento de escrever à Lola, filha e neta de oficiais, aquele mecânico, aquele operário!

E protestava-me:



Calculei logo a razão do choro e perguntei:

— Temos namorico?

Nervosa, trémula, levou a mão ao bolso, tirou de lá um papel amarrado e estendeu-mo:

— *Figurese Usted!*

Eram poucas linhas. Uma cartita de amor ainda incipiente, escrita com boa letra e menos mal redigida. A prosa tinha um cheirinho honesto a sinceridade e o papel fóra escolhido com elegância.

Mal eu tinha acabado de ler, a espanhola repetia-me com um gesto de espanto:

— *Figurese Usted!*

Aventurei uma pergunta:

— Quem é ele? A Dona Pedra conhece-o?

— Tudo menos isso, D. Pepe! Tudo menos isso! Vendo tudo, faço as malas e vou para Espanha.

Sosseguei-a. Prometi-lhe tirar informações do rapaz. Disse-lhe que isto de namoricos quasi nunca vai àvante, mas ela nem me ouvia. A meia voz, com os dentes cerrados, resmungava:

— *Un pillo! Un sin verguenza!*

* * *

Trabalhos da minha vida arredaram-me da cidade por uns dias. Quando voltei achei ambas mais magras. Dona Pedra tinha olheiras fundas e cirandava pela casa em passinhos miúdos, num trote picadinho que me dava a medida da irritação que a consumia.

Agora, era ela quem ia entregar aos sábados o trabalho aos Armazens. Foi numa dessas ocasiões que pude falar à vontade com a Lola.

A rapariga contou-me o seu romance. Um romance ingénuo, à Perez Escrich, com a casinha branca e a estola do prior no horizonte.

— *Mi Alfredo lo que quiere es casarse, pero mi tia...*

E a tragédia era esta. Pelo sim, pelo não, tirei informações do Alfredo. No bairro todos diziam bem dele. Tinha os seus vinténs, ia estabelecer-se de conta própria nas Avenidas novas; tinha sido aluno dum escola industrial; era protegido por um tio, abade lá para o Norte, e os pais, ainda vivos, tinham propriedades no termo de Leiria.

Não era assim uma desgraça nem uma humilhação tão grande que fizesse rabiar no outro mundo as almas dos heróis de Cavite.

Enroscada no seu sofrimento, Dona Pedra não tornou a fazer-me confidências, e eu para sempre talvez ficaria alheio à seqüência do drama se a curiosidade me não tivesse mordido em virtude dum facto estranho para o qual o meu espirito não achava explicação.

O inverno corria chuvoso e áspero e eu recolhia cedo. Onze horas, onze e meia o mais tardar, estava na cama a ler romances policiaes. Por cima do meu quarto eram os aposentos de Dona Pedra.

Nos primeiros tempos, nunca o mais pequeno ruido atravessava as tábuas do tecto. Ultimamente, porém, de dias a dias, passava-se, lá em cima, um fenómeno estranho. Era o ruido dum voz velada que parecia imprecar ou rezar com ansia acompanhado do som de chibatadas.

Quando ouvi pela primeira vez essa bulha suspeita, uma dúvida atravessou do-rosamente o meu crânio:

— Estará a velha a bater na rapariga?

E fiquei a cismar no que tinha ouvido.

Passaram-se dias sem ouvir mais nada; uma noite, porém, repetiram-se as rezas e as chibatadas.

Sentei-me na cama de orelhas alerta.

Sosseguei logo. Não! Dona Pedra batia em qualquer coisa, mas não era na Lola, visto que na cozinha do meu andar, a voz dela trauteava baixinho:

*Señor Alcalde Mayor
No prenda Usted los ladrones...*

Mas em que diabo bateria a velha? Gato, não tinha. Tapetes àquela hora e dentro de casa, também não.

Casualmente (casualmente, não, como se verá depois), o dia seguinte era sábado e Dona Pedra ia ao Grandela.

Escutei-lhe os passos e o bater da cancela e, pouco depois, chamei a Lola a título de lhe pedir uma faca para abrir um livro.

— Ouça... E contei-lhe o que tinha ouvido por duas vezes.

A rapariga desatou a rir. O meu susto de que fôsse ela a zurzida, divertiu-a. Depois, com um ar misterioso e garoto, convidou-me:

— Vamos lá acima. Não faça barulho.

Em bicos de pés, subimos os dois lances da escada e a Lola meteu a chave na porta.

— Passe Usted!...

Tornou a fechá-la com cautela e apontou-me para um saquinho de sêda encarnada que estava dependurado numa escápula metida na ombreira.

— Apalpei...

Eu apalpei o sacco e a Lola ria com vontade.

— Sabe o que é?

— Parece-me... E sorri.

— Pois é isso mesmo. A tia acredita nele...

Sem pedir licença abri o sacco. Lá dentro estava o que eu esperava; o que o tacto me tinha dado a perceber: um chifre de carneiro, bem torcido e cheiroso a incenso. A ponta romba e chamuscada acusava cremações sucessivas.

Olhei para a Lola, que ria sempre, e perguntei-lhe:

— Então é nisto que ela bate?

— Si. *Le pega con una varilla.*

E reza, faz-lhe pedidos, ameaça-o se não a atende. Não ouviu as palavras que ela diz quando lhe dá com a chibata? Então oiça. Olhe, na escada ouve-se bem.

Ambos riamos, e a Lola explicou melhor.

— Olhe: deita-o ao chão, bate-lhe e vai sempre resmungando: *Para que no se case! Para que no se case! Te pego para que no se case con esse sin verguenzal* Depois defuma-o com incenso; queima-lhe a ponta numa vela benta. Beija-o e vai guardá-lo no sacco. Ontem foi sexta-feira... *Viernes*... Era dia.

Na sexta-feira seguinte estava eu à espreita a ver o relógio e a apurar os ouvidos.

O relógio de São Roque deu os quatro quartos, e à primeira badalada da meia noite senti rumor em cima. Trepei acima da cómoda e escutei. Senti cair uma coisa dura. Depois ouvi as chibatadas e um rumor de prece de que eu entendia as palavras por estar prevenido.

— «Para que no se case», era o que se ouvia melhor.

O regougo final era o insulto para o Alfredo.

Depois, vindo da escada, espalhou-se pelo meu quarto um cheiro a igreja, um perfume de resinas litúrgicas, e tudo caiu no silêncio.

Os meses desfilaram. Todas as sextas-feiras o dar da meia noite em S. Roque era sublinhado pelo som áspero da tarefa no chifre, acompanhado em surdina pela prece da velha que não cessava de imprecar, de rogar ao amuleto que impedisse, que entortasse, que retorcesse aquele caminho de duas vidas teimosas em unirem-se atadas por dois «sins» e pela estola dum padre.

Os meses desfilaram até que uma tarde, estava a primavera em meio, ao entrar no meu quarto, ouvi o murmúrio dum choro continuo, um soluçar manso, sem arrances, caudal de lágrimas desoladas que os nervos não tentam sustar, vencidos pela maior dor, pelo maior desgosto, pela angústia maior.

Bati à porta de mansinho e Dona Pedra veio abrir. Dona Pedra, não: a sua sombra, a sua múmia, o seu fantasma. Parecia que vinte anos tinham passado por ela e que o tempo smarrotara com crueldade as carnes

da velha. Olhou para mim por detrás da névoa do choro e, numa voz sumida, tão sumida que era quasi um gesto, disse-me:

— Se ha ido!

E eu senti que a solidão era uma coisa concreta, palpável, existente como o frio ou o calor.

E Dona Pedra explicava-me.

— Foram ambos esta manhã. Nem as roupas levou. Nem o retrato do pai, nem os brincos, nem o cordão! Foi sózinha com o seu corpo e com ele, o *sin verguenzal*!

Desabafou, contou os cuidados que ela lhe custara em dezoito anos de vida em comum. As alegrias e as tristezas, dias maus e dias bons, e ela sempre amorável, submissa. *Una perla!*...

No meu espirito, uma idéia gaiata fazia cócegas.

E o chifre? A virtude do Amuleto? A eficácia das chibatadas e da prece?

Naquele dia não tive coragem para falar nisso. A chaga era tão recente que seria crueldade avivá-la. Na primeira sexta-feira esperei de balde os ruidos da meia noite. O amuleto estava esquecido, a chibata não trabalharia naquela noite. Para quê?

Foi só no dia seguinte que me arrisquei a perguntar:

— Dona Pedra, diga-me Usted, y el cuerno?

Com o rosto banhado em suave beatitude, a velha respondeu-me com uma vozita trémula, cheia de unção: — Pobrecito! Não me mentiu. Fêz o que poude. A culpa foi minha que não soube pedir.

Olhei-a admirado, sem compreender.

— *Verdad!* Que lhe pedi eu? Que no se casara... e não se casou. E agora, já que falámos nele, vou guardá-lo na gaveta da cómoda. A velhinha chinou para o corredor e trouxe o sequitel de sêda apertado nas mãos, respeitosamente, como quem conduz uma reliquia muitas vezes santa.

Dois dias depois, oito desde a fuga de Lola, conversava eu com Dona Pedra na minha saleta quando alguém bateu à porta. Era o correio que vinha entregar uma carta registada.

Cumpri a formalidade de assinar o impresso, e treuxe-a a D. Pedra.

A velhota teve-a nas mãos uns instantes como receosa de partir os lacres. A letra era da sobrinha, e no carimbo lia-se o nome duma vila do norte de Portugal, a mesma onde o tio do Alfredo era abade.

— Abra, Dona Pedra, já adivinho o que é...

Eu aguardava sorridente o rasgar do sobrescrito.

Não me enganei. Junto da carta vinha uma fôlha de papel almaço azul, selada no alto. Era a certidão de casamento.

Dona Pedra leu-a, leu a carta e, transfigurada, outra vez nova, abraçou-me a dizer:

— *Mañana estaran aqui!* Amanhã ouviu? D. Pepe janta connosco!

O D. Pepe era eu.

A seguir guardou os dois papéis no selo, ficou um momento parada em frente da cómoda e, de repente, foi-se à gaveta e tirou de lá o sacco. De repelão, abriu os cordões, escancarou-lhe a boca, sacou o chifre e, num gesto enérgico, atirou-o pela janela fora.

— *A la calle! Embustero!*...

E assim acabou a história duma espanhola, dum chifre e dum casamento.



A SR.ª D. GENOVEVA DE LIMA MAYER ULRICH effectuou há dias, no salão do Automóvel Clube, uma interessante conferência sob o tema «Impressões da América». Na foto, vê-se o sr. Conde de Monte Real, presidente do A. C. P., fazendo a apresentação da conferente, que se encontra à sua direita.



NO ATENEU COMERCIAL DE LISBOA, tomaram posse recentemente os novos corpos gerentes. Usaram da palavra no acto os srs. Franklin Pereira, dr. José Pontes, Francisco Lamy, dr. José Pereira Jorge, Vasco Ribeiro, presidente da Direcção, João de Deus Ferreira e Gomes Leite. Na foto, vêem-se os novos directores com alguns dos assistentes à cerimónia.



ASPECTO DO QUADRO DE ABERTURA da revista «Passagem de nível», do dr. Bastos Guerra, recentemente posta em cena, com grande êxito, na sede do Grupo Desportivo Estoril Praia.



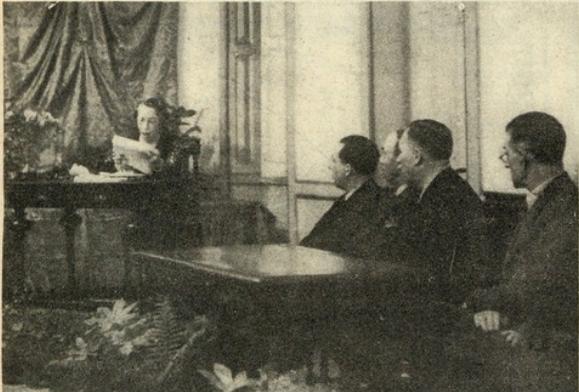
NO MUSEU DO CARMO, o sr. dr. Luiz de Oliveira Guimarães efectuou há dias uma conferência sobre o tema «Junqueiro e o bric-à-brac». Na foto, vê-se o poeta Silva Bastos recitando versos. À direita, o conferente.



NO PALÁCIO DE CRISTAL do Póvoa, inaugurou-se recentemente a exposição de novas matérias industriais alemãs. À inauguração, como se vê na foto, assistiram pessoas da mais alta representação na capital do Norte.



ASPECTO DO SARAU de arte realizado em Espinho a favor da Santa Casa da Misericórdia local e constituído por composições de concerto, religiosas e regionais, do prof. Fausto Neves.



A POETISA E JORNALISTA portuense D. Marta de Mesquita da Câmara lendo, no Sport Clube Beira Mar, de Aveiro, a sua conferência sobre «A portuguesa que reinou em Londres». Na presidência, o chefe do distrito.

ETP
2742

*à hora do banho
há mil coisas
engraçadas a
fotografar com*

ferrania
a película que nunca falha

J. C. ALVAREZ, L.^{DA}
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA
205 · RUA AUGUSTA · 207 · LISBOA

TERMAS DE MONTE REAL

A estância ideal dos hepáticos, artríticos
e gastro-intestinais

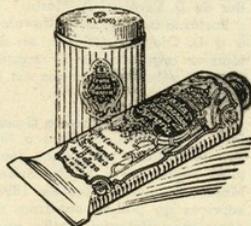
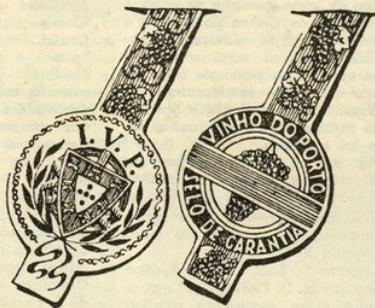
Esta estância, situada numa das mais lindas
regiões de Portugal, com um clima sem igual,
continua em pleno desenvolvimento e a ocupar
o primeiro lugar entre as estâncias portuguesas

INFORMAÇÕES Junta de Turismo de Monte Real — Tel. 7
Gerência das Termas — Tel. 8



1942

O
VINHO do PORTO
dos velhos tempos—corre
o País autenticado pelo
SÊLO de GARANTIA



2

PRODUTOS
INDISPENSÁVEIS
A BELEZA
DA SUA PELE

CREME E PASTA DE AMÊNDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
SÃO PRODUTOS M.^{me} CAMPOS
ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
LISBOA

MENTIRAS

conveccionadas

POR ZECO



Eu só viajo em 1.^a classe...



... em 1.^a de três riscos...



O CIRCULO MÁRIO AUGUSTO promoveu uma exposição retrospectiva da obra do grande artista, seu patrono, que se efectuou na Sociedade Nacional de Belas Artes. A foto mostra-nos alguns dos membros daquêlê Circulo no acto inaugural do certame.



Um aspecto da assistência ao recital de poesia italiana da Senhora Condessa Marialice Venezia Giordini, recentemente realizado no Sindicato Nacional dos Músicos, com o patrocínio do Instituto de Cultura Italiana.

A policia de segurança publica

"é para o corpo social o que o ar é para o corpo humano"
2-VII-1867 — 2-VII-1942

POR ALBINO LAPA



Oi a 2 de Julho de 1867, por to há três quartos de século, que se instituiu em Portugal a Polícia Civil, hoje Polícia de Segurança Pública. Até aí não havia senão remédios para manter a chamada «Ordem Pública». E a nossa Legislação o atesta, porque se encontra pejada de Leis e Avisos expressando o mesmo assunto — de certo modo compreensível, porque os governos desse tempo viam-se a braços com as maiores dificuldades, quer internas quer externas.

A D. Fernando I, o «Formoso», se deve o pensamento da defesa dum a sociedade em origem.

Abrigá-la dos instintos marus, foi decerto esse o seu alto e humano objectivo — e daí promover um núcleo de força que pudesse amparar os fracos dos fortes. Os fracos aqui eram o povo que aspirava possuir um peccato lar — o forte era o ladrão e o assassino que assaltava e matava impunemente.

Se o objecto social mais importante dos povos era a segurança de cada um, el-rei D. Fernando, cuidando dos seus súbditos, organizou os Quadrilheiros — dando-lhes Regimento próprio a 12 de Setembro do ano de 1383 — passava-se este luminoso facto em pleno século XIV.

Mas chegamos ao século XVIII, e os Quadrilheiros tinham falhado na sua nobre missão, embora em outros reinados os organizassem e lhes conferissem novos Regimentos.

Impunha-se pois um outro organismo — e o Marquês de Pombal, primeiro ministro de el-rei D. José I, já possuía doutra mentalidade em matéria de segurança, e pelo que observara nos seus tempos de diplomata em côrtes estrangeiras e já pelo que se passava em Portugal — haja em vista a série de Leis especiais que promulgou no calamitoso terramoto de 1 de Novembro de 1755 — por isso a 25 de Junho de 1760 criava a Intendência Geral da Polícia da Côrte e Reino.

Mas infelizmente esta Intendência, até ao reinado de D. Maria I, foi mais «política» do que para defender os lares indefesos dos malfeitores.

O seu primeiro Intendente nomeado foi o Dr. Inácio Ferreira Souto, desembargador dos agravos da Casa da Suplicação, para a 18 de Dezembro de 1766 dar vaza ao Dr. Manuel Gonçalves de Miranda.

Morre D. José I e sua filha D. Maria I, com outro sentido, escolheu a 18 de Janeiro de 1780, para Intendente da Polícia, o famoso Dr. Inácio Pina Manique. Este por sua vez, pela sua inteligência, pelo bem que devotava à Nação e o amor que sentia pelos desprotegidos da vida, desenvolve na Intendência uma acção notabilíssima.



COMEMOROU-SE HÁ DIAS o 75.º aniversário da criação da Polícia de Lisboa, com uma homenagem à memória do primeiro comissário da Polícia, D. Diogo de Sousa, nomeado por lei de 2 de Julho de 1867, e com uma festa no campo do Jockey Clube. A foto mostra-nos um aspecto da cerimónia do descerramento do retrato de D. Diogo de Sousa na Sala do Comando do Governo Civil. Assistiram o comandante e oficiais da P. S. P., o sr. D. Artur de Sousa, neto da homenageado, e três bisnetos.

Dá luz a Lisboa, que até a esse tempo mergulhava na mais intensa treva, motivo este para os malfeitores praticarem os mais horribeis crimes.

Em plena rua, ao virar duma esquina, na própria casa onde os habitantes às Trindades, pressurosos recolhiam, esperando a sua fatal vez.

Pina Manique, conhecedor destes tristes factos, alargou estruturalmente os serviços da Intendência da Polícia, não só dando uma iluminação regular à cidade — como reprimindo com ordens severas o passatempo nas tabernas — nas casas de alcouce os estrangeiros que entravam e saíam — enfim explana uma energia nunca vista, a todos os títulos gigantesca. E ainda não satisfeito com o desenvolvimento que dera aos serviços da Intendência da Polícia, não descansa enquanto não organiza um corpo militar armado, com cavalaria e infantaria — e que essa ambicionada Lei saiu a 10 de Dezembro de 1801, instituindo a Guarda Real da Polícia, sob o comando do expatriado francês — Conde de Novion. Esta guarda foi dissolvida a 3 de Julho de 1834 para se organizar a Guarda Municipal que durou até à constituição da Guarda Nacional Republicana, em 1910.

Os serviços da Intendência, a 11 de Novembro de 1833, recebem o golpe mortal, pois o ministro José da Silva Carvalho exonera o Intendente Conselheiro Joaquim Maria de Sousa Azevedo, e no mesmo seguinte o ministro Cândido José Xavier nomeia José Caetano de Paiva Pereira, não com o título de Intendente Geral da Polícia da Côrte e Reino, mas como Intendente da Polícia Preventiva e os serviços da famosa Intendência reduziam-se numa simples secção do Ministério do Reino.

Falhada, pois, a organização dos Quadrilheiros, da Intendência Geral da Polícia da Côrte e Reino e da Guarda Real da Polícia — surgiram de triste memória as Rondas Nocturnas, os Cabos de Polícia e depois os corpos militares de segurança pública aqui e ali — e num espaço de perto de três dezenas de anos — praticaram-se os maiores crimes que reza a história e os mais repugnantes roubos de que há memória.

Por dá cá aquela palha, em pleno dia, matava-se, e os assaltos a casas particulares tornaram-se ferozes. E assim viveu a sociedade portuguesa até a mais de meio do século XIX.

Reinava D. Luiz I, que sucedeu a seu irmão D. Pedro V, e a concepção sobre segurança pública começava a preocupar os nossos estadistas — embora milhares de Leis e Avisos enchessem os Códigos.

E que se tinha chegado a um ponto culminante — em que as lágrimas e o luto se acasalavam com as risadas vibrantes dos bandidos impunes.

Mas a 2 de Julho de 1867 — surge a Lei que criava em Portugal a Polícia Civil. Na elaboração de tão transcendente Lei — em que a «segurança pública é condição essencial para a existência de toda a sociedade bem organizada, e por isso com razão já se escreveu: que ela é para o corpo social o que o ar é para o corpo humano», deram o seu concurso: Jacinto Augusto Santana de Vasconcelos, Joaquim José Gonçalves de Matos Correia, Delfim Martins Ferreira, Guilherme Augusto Pereira de Carvalho de Abreu, António Gomes Brandão, João António Gomes de Castro, Augusto César de Almeida, João António dos Santos e Silva, Custódio José Vieira, António Augusto Teixeira

de Vasconcelos, Manuel Alves do Rio, Francisco Luiz Gomes e Francisco de Almeida Coelho Bivar.

Do Relatório que antecede a tão suspirada Lei — escreveu essa Comissão de homens eruditos, sobre o recrutamento a fazer para a polícia: «Os agentes de polícia devem ser individuos que, pela sua moralidade, honestidade e prudência, chamem sobre si as simpatias do público, para que este, pelo seu lado, fazendo justiça aos seus esforços, nunca lhes negue o seu apoio».

Para sede da nova corporação cederam-se os baixos do Governo Civil — que também noutros tempos se chamou Prefeitura e Administração Geral do Distrito — e também porque a policia ficava subordinada ao Governador Civil.

A Lei da organização da Polícia tem a data de 2 de Julho de 1867 — mas o Regulamento só foi publicado em Dezembro. A 2 de Outubro era nomeado Comissário de Polícia D. Diogo de Sousa e para Comissário Geral António Maria Cau da Costa, 2.º official do Tribunal de Contas, que pouco depois pediu a exoneração e foi nomeado secretário do mesmo Tribunal. Para Comissário Geral foi então nomeado o Comissário D. Diogo de Sousa, por proposta do então Governador Civil, Conde de Cavaleiros, D. Rodrigo José de Menezes, a 12 de Dezembro. Este Comissário Geral, D. Diogo de Sousa, era natural das Caldas da Rainha e quarto filho do Conde Rio Pardo, D. Luiz de Sousa. A sua carreira militar foi das mais accidentadas e heróicas. Tomou parte nas campanhas da liberdade, na Convenção de Évora-Monte, dos Marechais e da Divisão Militar Auxiliar a Espanha. Pelos feitos alcançados na batalha da Asseiceira, foi a 8 de Agosto de 1835, condecorado com a insígnia de Cavaleiro da Ordem de Torre Espada, depois recebeu o grau de Cavaleiro de 1.ª classe da Ordem de S. Fernando de Espanha, a medalha de prata de D. Isabel de Espanha, a medalha de prata de Bons Serviços, a medalha de ouro de Valor Militar e a de cobre de Comportamento e ainda a medalha de D. Pedro e D. Maria.

Portanto ao Conde de Cavaleiros e a D. Diogo de Sousa se deve toda a organização da máquina policial pela primeira vez em Portugal.

Sucedeu-lhe no cargo o General Luiz Wadington, que foi o terror dos «ladistas», por pouco tempo, para depois ser o Dr. Cristóvão de Moraes Sarmento. Mas em 1893 os serviços da policia entraram num câos inaudito — foi então que o Governo escolheu um official em serviço activo no nosso exército, recusando a escolha no tenente-coronel José António Moraes Sarmento, que acompanhado de distintos colaboradores dotou a Polícia com o que lhe era necessário e dentro dos moldes modernos.

Veio a República e por ela já passaram muitos ilustres officiais do nosso exército, lembrando entre

Escutai ROMA!

RADIO CENTRO-EIAR IMPERIAL

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas	Estações	m.	Kc/s
9.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
13.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
15.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
23.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
23.40 Noticiário	Ondas médias		
		m. 221.1 m. 263.2	
1.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

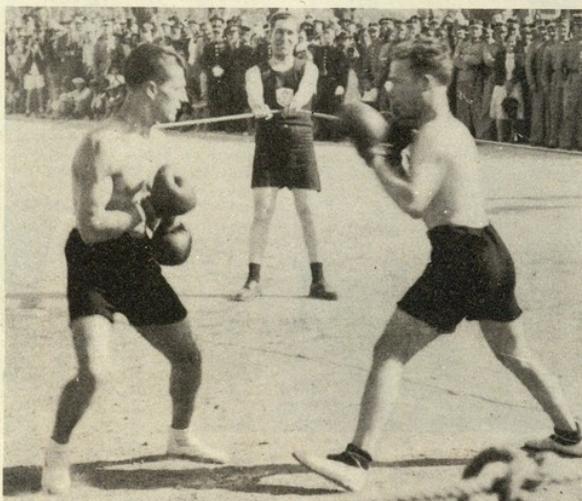
CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA

22.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
22.20 (Quarta feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

Vida MUNDIAL

Ilustrada

JOSÉ CANDIDO GODINHO — Director: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
— Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:
Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.

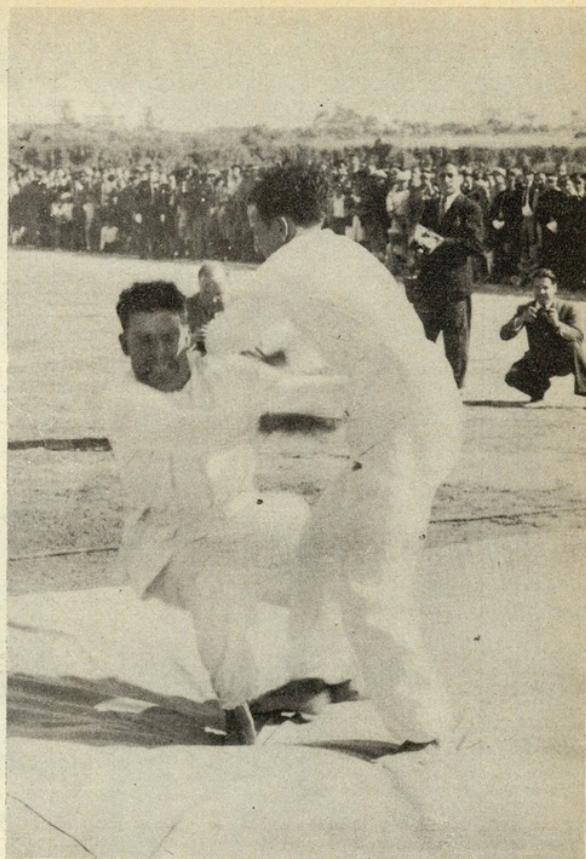


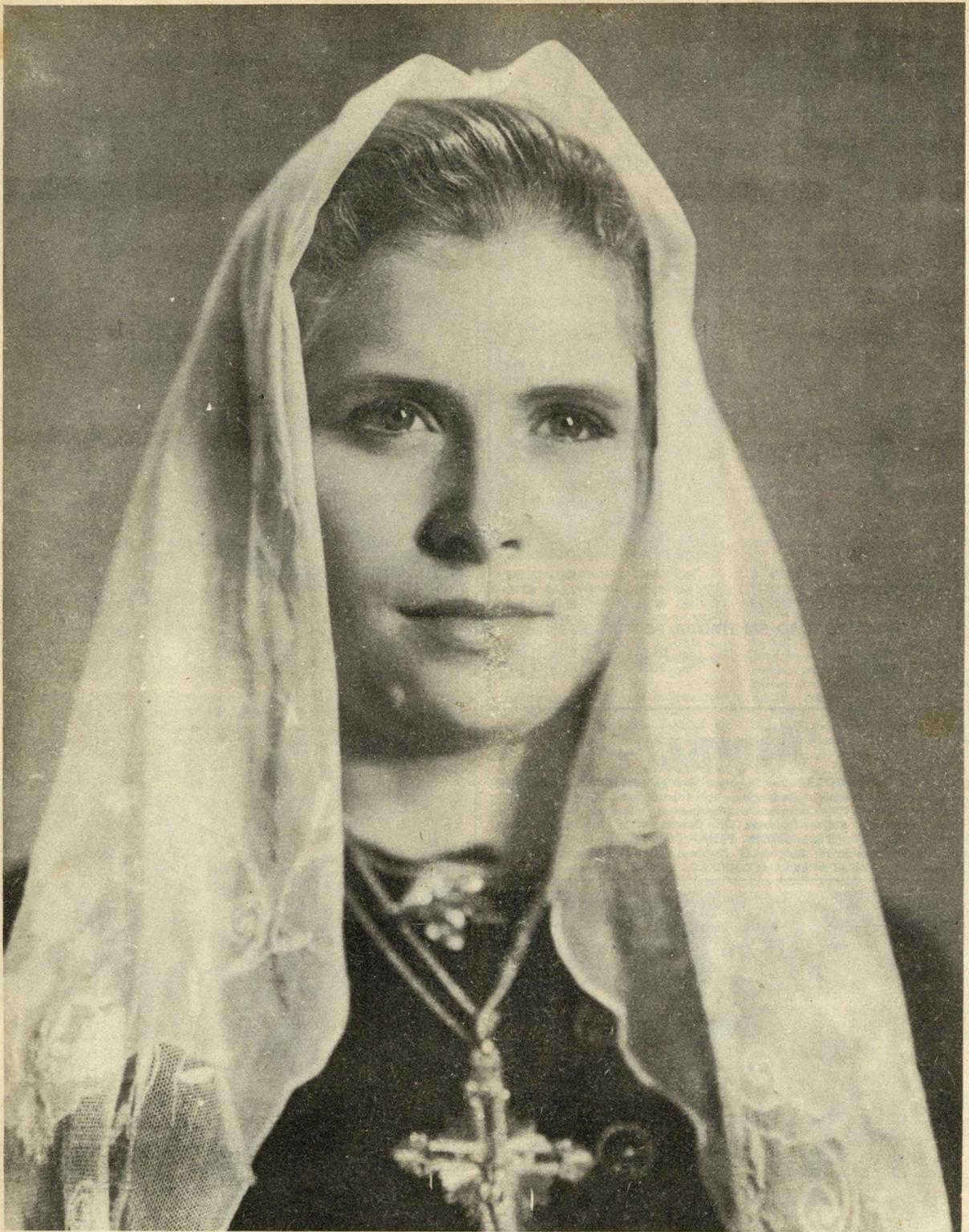
TRÊS ASPECTOS DOS EXERCÍCIOS DESPORTIVOS efectuados na festa da P. S. P. — «jiu-jitsu», luta greco-romana e «box».

êles o saudável nome do coronel Ferreira do Amaral, que à nobre instituição deu a sua vida — o máximo que lhe podia dar.

Actualmente é comandada supe-

riormente por dois distintos oficiais, que através da vida militar se têm imposto prestigosamente: coronel José Martins Cameira e major Miguel Bacelar.





Uma mulher da Povoá num filme português

Vida
MUNDIAL
abstrada

ELSA BELA FLOR, autêntica poveira, mulher de pescador, nada e criada na faina do mar — que desempenha a figura de «Julha», a principal intérprete feminina de «Ala. Arriba!», o novo filme de Leitão de Barros para a Tobis Portuguesa, que brevemente se estreia.